



SOCIEDADE E VALORES

INSTANTÂNEOS DOS EUA



JUNHO DE 2006

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / ESCRITÓRIO DE PROGRAMAS DE INFORMAÇÕES INTERNACIONAIS

Sociedade e Valores



Editor sênior	George Clack
Editores colaboradores	Mark A. Betka Paul Malamud Chandley McDonald Mildred Neely Robin Yeager
Especialistas em referências	Mary Ann Gamble Anita N. Green Martin Manning Kathy Spiegel
Programador visual	Tim Brown
Pesquisadora de fotos	Ann Monroe Jacobs

Editora-chefe	Judith S. Siegel
Editor executivo	Richard W. Huckaby
Gerente de produção	Christian Larson
Assistente de gerente de produção	Chloe D. Ellis
Revisora de português	Marília Araújo

Conselho editorial	Alexander C. Feldman Jeremy F. Curtin Kathleen R. Davis Kara Galles
--------------------	--

Cortesia da capa: Comstock Images, Jupiter Images

O Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA publica cinco revistas eletrônicas com o logo eJournal USA — *Perspectivas Econômicas, Questões Globais, Questões de Democracia, Agenda de Política Externa e Sociedade e Valores*. Nelas, são analisadas as principais questões enfrentadas pelos Estados Unidos e pela comunidade internacional, bem como a sociedade, os valores, o pensamento e as instituições do país. Cada revista é catalogada por volume (o número de anos em circulação) e por número (o número de edições publicadas durante o ano).

A cada mês é publicada uma revista nova em inglês, que no prazo de duas a quatro semanas é seguida de versões em francês, português, espanhol e russo. Algumas também são traduzidas para o árabe e o chinês e para outros idiomas, quando necessário.

As opiniões expressas nas revistas não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA. O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo nem pela continuidade do acesso aos sites da internet para os quais há links nas revistas; tal responsabilidade cabe única e exclusivamente às entidades que publicam esses sites. Os artigos, fotografias e ilustrações das revistas podem ser reproduzidos e traduzidos fora dos Estados Unidos, a menos que contenham restrições explícitas de direitos autorais. Nesse caso, é necessário pedir permissão aos detentores desses direitos mencionados na publicação.

O Escritório de Programas de Informações Internacionais mantém os números atuais e os anteriores em vários formatos eletrônicos, bem como uma relação das próximas revistas, em <http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>. Comentários são bem-vindos na embaixada dos EUA no seu país ou nos escritórios editoriais:

Editor, *eJournal USA*
IIP/T/SV
U.S. Department of State
301 4th St. S.W.
Washington, DC 20547
United States of America
E-mail: iiptcp@state.gov

SOBRE ESTA EDIÇÃO

Se digitarmos "United States" no buscador Google, surgirão 3,37 bilhões de ocorrências na tela do computador. Na verdade, o que não falta são matérias publicadas sobre este país. Entretanto, ao longo das pesquisas para esta edição da *eJournal USA*, percebemos que uma nova publicação sob medida para a geração atual de jovens não americanos poderia preencher um nicho. O título desta nossa edição, "Instantâneos dos EUA", expressa esse enfoque. Para oferecer um retrato de quem somos atualmente, mostramos alguns dados fundamentais e neles nos baseamos para descrever um pouco do que os americanos pensam sobre seu país e o mundo.

Nosso objetivo é informar aos leitores internacionais não apenas que a Califórnia é o estado mais populoso, mas também que a democracia dos EUA funciona sob um sistema de separação e equilíbrio dos poderes e que os sentimentos dos jovens americanos ao entrarem na idade adulta podem ser semelhantes aos dos próprios leitores - e muito mais. Em resumo, não vemos esta edição como uma publicação acadêmica, e sim como uma amostra instigante dos Estados Unidos em determinado momento do tempo, uma colagem de textos e figuras para junho de 2006.

Iniciamos com uma coleção de pequenos artigos chamados "Meu País". A nosso pedido, cinco jovens escritores narraram o que, de acordo com eles, as pessoas no exterior deveriam saber sobre este país - aspectos dos Estados Unidos os quais, na sucessão diária de manchetes em todo o mundo, podem ter passado despercebidos. Suas idéias produziram uma leitura surpreendente.

Na seção "Algumas coisas que nos tornam americanos", o cientista político Kenneth Janda, da Universidade Northwestern, destaca o pluralismo como chave da democracia americana. O professor de Relações Internacionais Gary Weaver, da Universidade Americana em Washington, DC, explica ainda que a metáfora comum dos

Estados Unidos como um caldeirão cultural em que diferentes grupos étnicos perdem a identidade não é correta. Ele prefere o símbolo de um mosaico ou tapeçaria - uma sociedade que compreende uma unidade maior e ao mesmo tempo valoriza suas partes distintas. Fechamos essa seção com relatos sobre cinco americanos contemporâneos, cujas vidas incorporam alguns dos valores clássicos associados a este país: autoconfiança, empreendedorismo, filantropia, segundas chances e busca de sonhos.

Em "Ícones americanos", voltamos a atenção para 32 personalidades: estadistas, líderes de direitos civis, cientistas, empreendedores, atletas e profissionais do entretenimento, cujas realizações também sensibilizaram muita gente ao redor do mundo. Para compreender qualquer nação, é preciso entender alguma coisa de seu passado, portanto também incluímos uma relação de eventos marcantes da história americana.

E seguimos com uma breve viagem pelas regiões do país. Parece apropriado porque um dos primeiros e mais persistentes sonhos americanos tem sido sobre a imensidão do solo pátrio. Walt Whitman expressou esse pensamento no prefácio de 1855 à sua coleção de poemas, *Folhas de Relva*. O verdadeiro poeta dos Estados Unidos, escreveu Whitman, "encarna sua geografia, e sua vida natural, e

rios, e lagos. (...) Quando a longa costa do Atlântico aumenta de extensão, e a costa do Pacífico se alonga... (...) Ele se infiltra entre elas também de leste a oeste e mostra o que está de permeio". ■

Os editores



Estátua da Liberdade

Cortesia: Comstock Images, Jupiter Images



INSTANTÂNEOS DOS EUA

DEPARTAMENTO DE ESTADO DOS EUA / JUNHO DE 2006 / VOLUME 11 / NÚMERO 2
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>

ÍNDICE

MEU PAÍS

- Cinco jovens americanos escrevem sobre o que eles querem que os leitores internacionais saibam sobre os Estados Unidos.
- 5** **Meu País: Colorindo fora das Linhas**
Jacqueline Morais Easley descreve a diversidade das famílias americanas.
- 7** **Meu País: História de um Militar da Aeronáutica**
O ex-militar Korey London fala sobre ser um negro americano e defende seu país.
- 8** **Meu País: A Cidade e o Sonho**
A recém-formada Ashley Moore descreve sua percepção do sonho americano.
- 9** **Meu País: O Novo Mundo**
Eboo Patel, diretor executivo do Centro Ecumênico da Juventude de Chicago, discorre sobre seu conceito de vida como muçulmano-americano.
- 10** **Meu País: O Significado dos EUA**
Kelly McWilliams, caloura universitária em evidência e romancista com livro publicado, explica sua visão sobre os Estados Unidos.
- 11** **Boxe: Dados sobre a população americana**

ALGUMAS COISAS QUE NOS TORNAM AMERICANOS

- 12** **Pluralismo e Democracia**
KENNETH JANDA, PROFESSOR DE CIÊNCIA POLÍTICA NA UNIVERSIDADE NORTHWESTERN DE CHICAGO, ILLINOIS
Importante acadêmico explica como o pluralismo é uma chave da democracia americana.
- 16** **Boxe: Perguntas mais freqüentes sobre os EUA**
- 18** **A Tapeçaria Cultural Americana**
GARY WEAVER, PROFESSOR DA ESCOLA DE SERVIÇO INTERNACIONAL DA UNIVERSIDADE AMERICANA DE WASHINGTON, DC
Conhecido especialista descreve alguns aspectos da cultura americana e as formas como vários grupos étnicos trabalham juntos na sociedade americana.
- 21** **A Garra de um Quinteto**
Apresentação de perfis de cinco americanos contemporâneos que incorporam alguns dos valores clássicos americanos.
- 24** **Boxe: Alguns dados sobre os EUA**

- 25 Ícones Americanos**
Compilação de fotografias e informações sobre 32 personalidades - estadistas, líderes de direitos civis, cientistas, empreendedores, atletas e profissionais do entretenimento - cujas realizações os transformaram em ícones.
- 36** *Boxe: Marcos da história dos EUA*
- 38 Um Breve Passeio pelos EUA**
Há 50 estados nos EUA, cada um com sua cultura distinta. Neste artigo, damos uma olhada região por região.
- 57** *Boxe: O que dizem os imigrantes sobre os EUA*
- 58** *Boxe: Reflexão de pensadores americanos sobre valores*
- 59 Recursos na internet**
Sites selecionados sobre os EUA



VÍDEO ON-LINE

Um breve passeio pelas regiões dos EUA

<http://www.usinfo.state.gov/journals/itsv/0606/ijse/ijse0606.htm>

Meu País

Definir o significado de ser americano tem sido tema de discussão entre os americanos desde os primórdios do país. Entretanto, em muitos desses esforços de busca interior há um movimento em direção ao exterior para envolver o resto do mundo em uma espécie de diálogo. Em seu famoso ensaio "Autoconfiança", de 1841, por exemplo, Ralph Waldo Emerson define essa qualidade em contraposição ao passado, especialmente ao passado europeu. "Insista em você", disse Emerson. "Nunca imite."

Pode-se ver algo de semelhante com relação à sensibilidade nos ensaios que se encontram na seção denominada "Meu País". Convidamos cinco jovens escritores dos Estados Unidos — de várias origens, profissões, estado civil — para escrever sobre o que consideram importante dizer aos leitores internacionais da mesma idade sobre este país. A meu ver, esses ensaios talvez ofereçam uma imagem mais profunda, mais completa dos EUA e de seu povo do que os filmes de Hollywood ou os noticiários da TV.

Muitos desses artigos começam de fato com um olhar interior e depois se voltam para considerações sobre o mundo. Jacqueline Morais Easley, cidadã naturalizada americana, se encanta com a diversidade das famílias que vivem em seu quarteirão e explica por que dá valor à maneira como sua filha desenha fora das linhas. Korey London, ex-militar, conta por que acredita que deve defender seu país. Ashley Moore, editora de revista na cidade de Nova York e longe da sua casa no Texas, em seu primeiro emprego após terminar a faculdade, pondera que seu pequeno apartamento e sua geladeira vazia estão bem longe do sonho americano. Eboo Patel, muçulmano, diretor de um conselho de juventude em Chicago, explica por que julga que a sua religião e a tradição de tolerância americana se reforçam mutuamente.

Kelly McWilliams, caloura universitária bastante consciente do que um colega ensaísta chama de "as partes trágicas e terríveis da história americana", explica suas razões para escolher viver nesta terra em constante auto-ajuste. Ela adota como exemplo Frederick Douglass, o ex-escravo que se tornou líder abolicionista do país, ressaltando que Douglass tomou a decisão de ficar nos Estados Unidos e travar uma luta política interna contra a escravidão. "Os Estados Unidos podem ser moldados e remodelados para ajustar-se a seu povo", escreve essa garota de 18 anos de idade. "O país está disposto. Ele está aguardando. E, enquanto isso for verdade, serei americana." ■

Meu País Colorindo fora das Linhas

Jacqueline Morais Easley

Jacqueline Easley é redatora freelancer e vive com seu marido e duas filhas em Colúmbia, Maryland.



Cortesia: Jacqueline Morais Easley

Jacqueline Easley e sua família no quintal da casa

Como você concebe a família americana de hoje? Você imagina pais altos, atléticos e loiros com dois ou três filhos? Talvez você os imagine em frente a uma bonita casa, com gramado bem cuidado e cerca de estacas brancas? Dentro de casa, embalagens do McDonald's sobre o balcão da cozinha, coca-cola na geladeira e a MTV ligada como pano de fundo.

Esse é, com certeza, um tipo de família americana. E eu estaria mentindo se dissesse que imaginava uma família americana diferente em 1985, quando tinha 11 anos e morava nas Filipinas. Um dia, ao voltar para casa do trabalho no Banco Asiático de Desenvolvimento, meu pai disse que íamos nos mudar para os Estados Unidos. Eu perdi a fala... e depois fiquei eufórica.

O engraçado é que, àquela época, McDonald's, coca-cola e MTV eram as únicas coisas dos Estados Unidos com algum significado para mim. E, se esses três símbolos fossem uma indicação das muitas outras coisas que poderiam estar disponíveis, que fabuloso esse país deveria ser!

Minha família mudou-se para os Estados Unidos. E, 20 anos depois, aqui estou – um pouco menos ingênua, um pouco mais experiente em relação à propaganda na mídia, preferindo agora sushi e uma boa garrafa de vinho tinto a McFish e coca-cola. Nem sequer assisto mais à MTV. Mas uma coisa não mudou: continuo

sendo fã incondicional dos Estados Unidos.

Tornei-me cidadã americana há apenas cinco anos, quando fiquei grávida da minha primeira filha. Casei-me com meu namorado dos tempos de faculdade e, após um breve período em Chicago, nós nos instalamos em Maryland.

Atualmente, faço o melhor que posso para criar duas garotas audaciosas, lindas e rebeldes e agradeço a Deus por poder fazer isso nos Estados Unidos. Ainda me recordo bem do dia em que me tornei cidadã americana – recitando o juramento de fidelidade à bandeira americana, com a mão sobre o peito, sentindo meu bebê se mexer dentro de mim e aquele orgulho arrebatador por estar me tornando oficialmente cidadã americana.

Cinco anos depois, as possibilidades para as minhas filhas são ilimitadas. Estamos bem conscientes de que elas têm uma vida confortável e privilegiada. Embora isso seja devido em parte ao trabalho árduo meu e de meu marido - e de nossos pais antes de nós – não deixa de ser também por pura sorte. Meu marido e eu fomos muito afortunados na vida. Tivemos pais amorosos que enfatizaram a importância dos laços familiares, da educação, do trabalho árduo e do compromisso com o próximo. Esses mesmos valores são agora a espinha dorsal da nossa pequena família e nos impulsiona para o futuro.

Meu marido e eu tentamos criar nossas filhas de forma a ajudá-las a reconhecer como são privilegiadas. Ensinaamos a agradecer seus talentos e recursos e a fazer o máximo para usá-los em prol dos seus semelhantes. Se temos uma boa alimentação e uma vida cheia de diversão, ela é também preenchida com atos de caridade e serviços comunitários, livros infantis sobre outras culturas e estilos de vida e discursos maternos sobre tolerância, diversidade e compaixão.

Louvo o fato de o sonho americano não ser uma ilusão vazia e inacessível; ele é algo visível não apenas em minha família, mas também entre amigos, vizinhos e desconhecidos que lutam diariamente pela sua versão pessoal desse sonho. Para mim, as características da família americana incluem esses pais loiros, atléticos com seus dois ou três filhos em gramados bem cuidados que mencionei anteriormente, mas há muitas, muitas outras, inclusive na minha própria história pessoal.

Há as características das famílias da minha pré-escola cooperativa: a franzina irlandesa de cabelos vermelhos com seu marido afro-americano e filhos maravilhosos; as duas mulheres que juntas criam três crianças; a mãe solteira que tem dois empregos e sustenta a família sozinha. Também encontramos muitas outras características nessa rua sem saída do meu bairro: o iraquiano casado com uma americana e seus dois filhos; nossa babá com seu pai italiano e mãe iraniana; o psicólogo coreano e sua mulher. A diversidade está viva e exuberante – pelo menos na minha vida.

Não posso deixar de lembrar aquele ato inicial de rebelião que há mais de duzentos anos consolidou o espírito independente desta que seria uma “terra de imigrantes”. Sob o amparo desse espírito independente, milhões de imigrantes vieram para este país em busca de proteção contra a intolerância, o preconceito e a perseguição - ansiosos pela liberdade e pelo direito de viver a própria vida com autenticidade.

Algumas vezes ainda me assusto quando lembro os períodos trágicos e terríveis dos primórdios da história dos Estados Unidos. Mas cite um país, uma cultura, uma religião ou uma pessoa que não tenha tido episódios ruins ao lado dos bons. Com certeza existem coisas sobre este país que por vezes me deixam zangada, constrangida ou desiludida. No entanto, isso acontece com tantas outras coisas boas da vida – casamento, maternidade, carreira, parentes, amigos.

No final, o que me entristece com relação aos Estados Unidos não é nada comparado ao que me surpreende: o quanto este jovem país tem conseguido em tão pouco tempo; sua luta pela democracia e pelos direitos humanos em todo o mundo; a forma como conquistou o status de superpotência econômica; como continua a deslumbrar com idéias “maiores, melhores e mais inteligentes”, mesmo ao distribuir recursos para ajudar os necessitados no exterior.

Certamente questiono alguns valores superficiais com frequência associados aos Estados Unidos e faço o possível para minimizá-los perante minhas filhas, mas prezo muito mais os valores maiores da independência, da diversidade e da liberdade de expressão que estão bem vivos neste país. E pode apostar que eles desempenham papel central enquanto meu marido e eu percorremos o difícil caminho da paternidade americana.

Os americanos prezam o indivíduo e, por essa razão, nosso país está repleto de pessoas diferentes, bizarras, com talentos singulares, obstinadas, excepcionalmente motivadas e multifacetadas. Minhas filhas, com suas personalidades distintas, são garotas bem femininas, atletas molecas, ratos de biblioteca, artistas em formação e compassivas cidadãs do mundo. Eu, é claro, louvo todas essas facetas – e as que ainda não foram descobertas – o máximo possível.

Os americanos reverenciam a prática da auto-análise – descobrir-se, retirar as camadas até atingir a verdadeira essência, experimentar tudo e qualquer coisa pelo menos uma vez. Alguns podem achar essa auto-exploração um pouco indulgente. *Mas, quando vejo minha filha de cinco anos colorindo fora das linhas, não tento corrigi-la. Em vez disso, sinto uma sensação interior de prazer por ela não querer se conformar ou seguir as regras... por ora. Admiro sua decisão de rejeitar limites em favor de algo um pouco mais desordenado, anticonvencional e potencialmente progressista.*

Tudo bem, é apenas um livro para colorir, mas, em minha opinião, quando os americanos se esforçam pelo melhor, não é apenas porque somos competitivos, mas porque estamos constantemente nos rebelando, pressionando as fronteiras, correndo riscos. E fazemos isso porque somos estimulados a fazê-lo graças à terra em que vivemos e a tudo o que ela representa.

Todos temos liberdade para ser tímidos ou extrovertidos, inteligentes ou tolos, elegantes ou descuidados, estar fora da moda ou ser de vanguarda. Podemos nos preocupar com o que as pessoas pensam, nos conformar e nos adaptar, se quisermos. Ou podemos nos importar menos com quem está observando, nos levantar e gritar aos quatro cantos, criticar e provocar, ameaçar o *status quo*. Espero ansiosa pelas escolhas das minhas filhas. Poderei me assustar com alguma das coisas que possam assumir em nome da auto-expressão. Mas, por enquanto, vou deixá-las colorir fora das linhas – melhor ainda, vou aplaudi-las por isso. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Meu País História de um Militar da Aeronáutica

Korey London

Korey London, ex-militar da Força Aérea dos EUA, formou-se recentemente pela Faculdade Augusta, em Augusta, Geórgia, e hoje é diretor adjunto de Relações Públicas da Faculdade Paine, também em Augusta.



Cortesia: Korey London

Quando freqüentava o curso fundamental, lembro-me de ouvir meus professores contarem nas aulas de história sobre pessoas, a maioria proveniente de países europeus, que queriam vir para os Estados Unidos no início dos anos 1900 para melhorar de vida. Chamavam-se imigrantes as pessoas que conseguiam comprar a passagem e viajar para os Estados Unidos. Segundo diziam, os Estados Unidos eram o país das oportunidades, e as ruas eram pavimentadas com ouro.

Nunca me deparei com nenhuma dessas ruas, mas sempre houve muitas oportunidades neste país para quem quisesse aproveitá-las.

Recordo-me também de aulas de história sobre pessoas que eram capturadas na costa oeste da África e embarcadas para os Estados Unidos, a América do Sul e as Ilhas do Caribe pelo tráfico de escravos. Lembro-me de ter ouvido sobre as péssimas condições de vida a que esses africanos eram submetidos na longa travessia para Meu País: O Novo Mundo. Lembro-me ainda de histórias de crueldade sofridas pelos

africanos antes da abolição da escravatura nos Estados Unidos. Perguntava-me como alguém podia sobreviver a tempos tão difíceis. Mas sobreviveram. Às vezes, quando olho para minha própria pele negra, fico imaginando se teria sobrevivido naquelas condições. Então, agradeço a Deus por não ter tido de passar pelo que meus ancestrais passaram.

Por isso, quando penso no meu país, com freqüência penso nas pessoas de gerações passadas que vieram para os Estados Unidos em busca de oportunidades de melhora de vida e também naquelas que foram trazidas para cá sob o grilhão da escravidão e sofreram até a chegada de dias melhores. Os dois grupos superaram adversidades e esforçaram-se para preparar as gerações mais jovens, capacitando-as a aproveitar as melhores oportunidades quando surgissem.

A pergunta "O que é um americano?" é um pouco capciosa porque, com exceção dos ameríndios, todos viemos de outros países ou, pelo menos, nossos ancestrais vieram.

Minha família não é diferente. Meus pais são de duas pequenas ilhas das Índias Ocidentais, no Caribe. Minha mãe é de Guadalupe e meu pai é de San Martin. Eles se conheceram em San Martin ainda adolescentes. Mudaram-se para os Estados Unidos em épocas diferentes, no final da década de 1960. Quando minha mãe chegou a Nova York e se estabeleceu, descobriu que meu pai já estava lá. Ela conseguiu encontrá-lo e o resto, conforme dizem, é história.

Depois meu pai ingressou no Exército dos EUA e serviu por 20 anos. Sua carreira militar proporcionou à nossa família uma vida bastante confortável e nos permitiu conhecer partes do mundo que, de outra forma, provavelmente nunca teríamos visitado. Meu irmão alistou-se na Força Aérea dos EUA quando eu ainda cursava o ensino médio, e eu ingressei na Força Aérea depois do primeiro ano da faculdade. A esta altura, terminei meu compromisso militar e estou quase concluindo a faculdade, que foi paga pelas Forças Armadas. Além da educação que estou obtendo, carrego muitas lembranças positivas do meu serviço ao país na Força Aérea dos EUA.

Tive a felicidade de executar um dos melhores serviços na Força Aérea - trabalhar na assessoria de relações públicas compilando os jornais da base. Isso me permitiu saber o que outros militares a serviço da Aeronáutica estavam fazendo para garantir a segurança dos Estados Unidos e saber que havia ajuda disponível para os necessitados.

Uma das experiências mais memoráveis foi quando viajei para uma pequena aldeia longínqua no Círculo Ártico para ajudar a mídia de Anchorage, Alasca, a fazer a cobertura de uma matéria sobre entrega de geradores de energia e outros suprimentos feita pelo esquadrão aéreo aos nativos do Alasca que lá viviam. A entrega era um acontecimento anual que ocorria algumas semanas antes do Natal. A melhor parte foi ver a gratidão com que o povo da aldeia recebia os suprimentos e os equipamentos. Ajudar aquela aldeia de nativos do Alasca era um típico dia de trabalho de militar da aeronáutica envolvido em entrega. Aqueles militares praticavam os valores fundamentais da Força Aérea: integridade em primeiro lugar, o serviço militar antes do indivíduo e excelência em tudo que fazemos.

Esse é o motivo pelo qual, para mim, é difícil assistir às notícias ou ler os jornais e ficar sabendo sobre americanos — soldados, marinheiros, fuzileiros navais e militares da Aeronáutica — mortos no Iraque. Considero-me um patriota dos Estados Unidos e ingressei nas Forças Armadas para servir e proteger meu país, mas a razão principal do meu ingresso não era ir para fora e matar pessoas. Eu queria ganhar dinheiro para minha educação e receber treinamento para uma carreira fora do serviço militar. E, conforme me disseram, essa é a razão pela qual muitos dos militares com quem eu servi na Aeronáutica

ingressaram nas Forças Armadas. Quando vejo relatórios sobre membros das Forças Armadas que perderam a vida, sei que poderia facilmente ter sido eu quem estivesse voltando para casa num daqueles sacos com cadáveres. Mas isso faz parte do sacrifício que essa nova geração de militares - homens e mulheres - tem feito para que as gerações futuras não tenham de passar por um outro 11 de Setembro. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Meu País A Cidade e o Sonho

Ashley Moore

Ashley Moore é recém-formada pela Universidade Cristã do Texas em Fort Worth, Texas. Atualmente trabalha para a Brides.com Local Print, uma divisão da editora Condé Nast, em Nova York e espera retornar ao Texas algum dia.



Cortesia: Ashley Moore

Em nossa juventude nos ensinaram o que era o Sonho Americano. "Os Estados Unidos são a terra das oportunidades", costumavam dizer nossos professores, "e os frutos desta boa nação são obtidos com trabalho árduo e determinação". Fileira após fileira de jovens americanos com olhos brilhantes, examinávamos as páginas dos livros de história, olhando fixamente as fotos daqueles que vieram para o nosso país procurando a boa sorte. Para os inúmeros imigrantes que chegavam aos montes no início do século 20, isso se traduzia em emprego seguro, comida na mesa e capacidade de sustentar a família. Conforme líamos, aprendíamos os segredos da boa sorte. Se ao final de um dia de trabalho árduo, houvesse algo que comprovasse tal sorte, por exemplo, comida na mesa ou dinheiro no banco, você estaria vivendo o sonho.

Obviamente, havia reverses - vários. À medida que crescíamos e avançávamos em nossos estudos, nossos livros didáticos revelavam as adversidades enfrentadas por tantos sonhadores de nosso país. Muitos momentos difíceis foram determinados por questões econômicas, outros por questões raciais. Mas o sonho continuava a existir apesar dos percalços. Ao longo dos anos ganhou velocidade, inspirando de maneira persistente as faces de nosso país. E hoje ainda estamos inebriados pela idéia de cada um de nós tornar-se nosso próprio sucesso americano.

Há muitos anos deixei de olhar os livros do meu tempo de escola. E há mais tempo ainda não refletia sobre as aulas de história. Ultimamente, entretanto, tenho pensado sobre aquele tempo, flertando com a idéia do meu próprio sonho. Moro em Nova York a apenas alguns quarteirões do bairro onde, cem anos atrás, imigrantes derramaram sangue e lágrimas em busca da felicidade e de uma vida digna. Como uma jovem aspirante a escritora, não derramei sangue, mas tenho derramado algumas lágrimas. Acho que isso me aproxima dos primeiros imigrantes desta cidade, porque eu aparentemente não consigo desistir, parar ou me curvar.

Todos os dias ando pela cidade. É escura e desfigurada, transbordando tentações e distrações. E nem mesmo é inverno. Mas, afinal de contas, após várias horas de trabalho diurno, escrevendo para uma revista, e à noite em um emprego servindo mesas, o sonho continua me dizendo que, um dia, conseguirei alguma coisa em recompensa pelos meus esforços. Mas o que? Pergunto a meu ego cansado. Um pequeno apartamento-estúdio do tamanho da sala de estar da casa dos meus pais? Ou poderia ser a geladeira vazia que cristaliza um pedaço solitário de queijo?

"Os Estados Unidos são a terra das oportunidades", nossos professores costumavam dizer, "e os frutos dessa boa nação são conseguidos com trabalho árduo e determinação". Há uma ingenuidade bonita nessa lição escolar. Quando crianças, acreditamos em qualquer coisa e continuamos a acreditar até que nos digam para não acreditar mais. Na sua essência, o sonho americano é infantil também. À medida que ficamos mais velhos, às vezes inquietos pelo temor de nunca termos boa sorte, o sonho permanece incansável, contínuo, ainda a ser interrompido.

Minha boa sorte talvez nunca se realize em termos de carros sofisticados ou de um apartamento de cobertura. Talvez também jamais venha a ser - devo admitir a mim mesma - o de me tornar uma escritora. Entretanto, o sonho ainda continua a me inspirar de tal modo que, um dia, estou certa, serei meu próprio sucesso americano. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Meu País O Novo Mundo

Eboo Patel

Eboo Patel é diretor executivo do Centro Ecumênico da Juventude em Chicago, Illinois. Ele é um líder do movimento ecumênico.



Cortesia: Eboo Patel

Eu amo os Estados Unidos não porque tenha a ilusão de que este seja um país perfeito, mas porque ele permite que eu – filho de imigrantes muçulmanos da Índia – participe de seu progresso, construa um lugar em sua promessa e desempenhe um papel em sua possibilidade.

John Winthrop, um dos primeiros colonizadores europeus dos Estados Unidos, deu voz a essa sensação de possibilidade. Ele disse a seus compatriotas que a sociedade que estavam formando seria como uma cidade sobre a colina, um farol para o mundo. Essa esperança estava enraizada na fé cristã de Winthrop, e sem dúvida ele imaginava sua cidade sobre a colina tendo ao centro uma torre de igreja. Ao longo dos séculos, os Estados Unidos permaneceram um país profundamente religioso, tornando-se ao mesmo tempo extraordinariamente plural. Na verdade, somos a nação mais devota do Ocidente e o país com a maior

diversidade religiosa do mundo. A torre da igreja no centro da cidade sobre a colina está agora rodeada pelos minaretes das mesquitas muçulmanas, pelas escrituras hebraicas das sinagogas judaicas, pelo canto das sangas budistas e pelas estátuas dos templos hindus. Na verdade, hoje existem mais muçulmanos nos Estados Unidos do que episcopalianos, fé professada por diversos pioneiros do país.

Há cem anos, o importante acadêmico afro-americano W.E.B. DuBois alertou que o problema do século estaria no limite da cor. O século 21 poderá ser dominado por um limite diferente – o limite da fé. Da Irlanda do Norte ao Sul da Ásia, do Oriente Médio à região central das Américas, as pessoas estão condenando, coibindo e matando em nome de Deus. As perguntas mais prementes para o meu país (os Estados Unidos), para minha religião (o Islamismo) e para todos os povos de Deus, podem bem ser as seguintes: Como poderão interagir juntas na Terra pessoas com concepções diferentes sobre o paraíso? A torre da igreja, o minarete, a sinagoga, o templo e a sanga aprenderão a compartilhar espaço na nova cidade sobre a colina?

Acho que o etos americano – combinando tolerância com reverência – pode contribuir para essa questão com algo especial.

Os Estados Unidos são uma grande reunião de almas, a grande maioria proveniente de outros lugares. O gênio americano está em permitir que essas almas contribuam com suas características para a tradição americana e acrescentem novas notas à canção americana.

Sou um americano com alma muçulmana. Minha alma carrega uma longa história de heróis, movimentos e civilizações que buscaram se submeter à vontade de Deus. Minha alma ouviu quando o profeta Maomé pregava as principais mensagens do Islã, tazaaga e tawhid, justiça compassiva e unicidade de Deus. Na Idade Média, minha alma se espalhou para o Oriente e o Ocidente, rezando nas mesquitas e estudando nas bibliotecas das grandes cidades muçulmanas medievais: Cairo, Bagdá e Córdoba. Minha alma rodopiou com Rumi, leu Aristóteles com Averroés, viajou pela Ásia Central com Nasir Khusrow. Na era colonial, minha alma muçulmana foi despertada para a justiça. Marchou com Abdul Ghaffar Khan e os Khudai Khidmatgars em sua satyagraha para libertar a Índia. Esteve ao lado de Farid Esack, Ebrahim Moosa, Rahid Omar e do Movimento Muçulmano da Juventude em sua luta por uma África do Sul multicultural.

Em um olho carrego esse antigo ideal muçulmano de pluralismo, no outro carrego a promessa americana. E no meu coração, rezo para transformarmos em realidade esta possibilidade: uma cidade sobre uma colina na qual diferentes comunidades religiosas compartilhem espaço com respeito e sirvam coletivamente ao bem comum; um mundo em que nações e povos distintos venham a se conhecer em espírito de fraternidade e integridade; um século no qual conquistaremos juntos uma vida comum. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Meu País O Significado dos Estados Unidos

Kelly McWilliams

Kelly McWilliams cresceu em Los Angeles, Califórnia, e Phoenix, Arizona, antes de freqüentar a Escola Walnut Hill, um internato para o estudo de Letras em Massachusetts. Em 2004, publicou Doormat, seu primeiro romance, para adultos jovens. No próximo ano, ela cursará o primeiro ano da Universidade de Brown em Providence, Rhode Island, onde pretende continuar seus estudos de literatura.



Cortesia: Kelly McWilliams

Sou uma criança da Califórnia que cruzou o continente até Boston. Aqui, na costa leste, tudo é totalmente diferente daquilo que eu conhecia, em termos cultura, de paisagem e de lar, mas ainda assim reconheço a região como americana. Imagino com freqüência os 4.800 km de distância entre meu primeiro lar e o novo, a incrível extensão territorial, os campos, as cidades do Oeste, as montanhas, as minas, as casas ricas e pobres, os milhões de vozes diferentes, as linguagens diferentes, e sei que tudo isso também é americano.

O que são os Estados Unidos? Considero o país meu lar, apesar de saber que nem sempre é assim para todos. Nem sempre foi um lar mesmo para meus ancestrais. Por ser mulata, mistura das raças branca e negra, sei que os Estados Unidos são um país maleável como o ouro, que pode ser moldado ao nosso feitio, se as palavras o atingirem com força suficiente. Frederick Douglass, famoso abolicionista e escravo americano fugitivo e um escritor que sempre amarei, usou suas palavras para transformar nosso país, inicialmente sua prisão, em seu lar. Pelo fato de as palavras

serem poderosas aqui, e porque nossa Constituição exige que elas não possam ser silenciadas, sou escritora. Sou americana.

Já risquei um X na areia - em vez do meu nome - para indicar que esse solo, por mais imperfeito que tenha sido ou possa ser, é o solo onde trabalharei até meus ossos virarem pó. Conforme acena a história, trabalhamos para fazer a terra produzir as verdades de que as almas humanas subsistem: liberdade, oportunidades e o direito de lutar até contra os erros do nosso próprio país. Nada temo para os Estados Unidos, enquanto souber que nós, como cidadãos, estamos atentos.

Ultimamente venho me indagando por que mais americanos não clamam contra nossas injustiças, por que há silêncio, embora dure apenas um instante. Mas sempre o estrondo no solo se inicia, a notícia se constitui em novo desafio a imprimir, e começamos a responder por nossa parte na história. Neste instante, as pessoas conscientes começam a se manifestar contra a injustiça que estamos cometendo no além-mar. A Baía de Guantánamo marcará um período negro para nós como nação. As políticas internacionais em que eu pessoalmente não consigo acreditar contestam o meu otimismo. Mas, lembro, as pessoas são os poetas desta nação. Elas farão com que nosso país sempre desperte de seus pesadelos.

Frederick Douglass escreveu não somente para mudar os Estados Unidos para nosso povo, mas também porque ele amava o país. Ele não foi para o Canadá, como o fizeram tantos escravos. Ficou na costa leste, perto de Boston, perto de onde vivo agora, e viajou, divulgando as palavras que escrevia, lançando-as como sementes que criaram raízes. Depois de seu exemplo, creio de todo o coração, por mais jovem e indefensável que este possa ser, que os Estados Unidos podem ser moldados e remodelados para ajustar-se a seu povo. O país está disposto. Ele está aguardando. E, enquanto isso for verdade, serei americana. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Dados sobre a população americana

Resumo estatístico dos Estados Unidos

<http://www.census.gov/statab/www/>

População (para estimativa de 9 de junho de 2006, veja http://www.census.gov)	298.346.797
População (estimativa de 2004)	293.655.404
Pessoas menores de 18 anos de idade (estimativa de 2004)	25%
Pessoas com 65 anos ou mais (estimativa de 2004)	12,4%
População feminina (estimativa de 2004)	50,8%
Branco (estimativa de 2004)	80,4%
Negros ou afro-americanos (estimativa de 2004)	12,8%
Índios americanos ou nativos do Alasca (estimativa de 2004)	1,0%
Asiáticos (estimativa de 2004)	4,2%
Nativos do Havá e de outras ilhas do Pacífico (estimativa de 2004)	0,2%
Descendentes de duas ou mais raças (estimativa de 2004)	1,5%
Branco de origem não hispânica/latina (estimativa de 2004)	67,4%
Branco de origem hispânica ou latina (estimativa de 2004)	14,1%
Outros idiomas falados em casa além do inglês(2003)	18,4%
Pessoas com diploma do ensino médio (porcentagem de pessoas com mais de 25 anos, 2004)	85%
Pessoas com grau de bacharel ou superior (porcentagem de pessoas com mais de 25 anos, 2004)	28%
Deficientes físicos (acima de 5 anos, atualizado em 14 de abril de 2004)	12,5%
Índice de proprietários de residência (2004)	69%
Pessoas por domicílio (2004)	2,57
Pessoas abaixo da linha de pobreza (2003)	12,5%
Imigrantes legais (2004)	946.000
Imigrantes ilegais (estimativa de 2004)	7.000.000
População estrangeira (2003)	11,9%
Pessoas que mudaram de residência (2003-2004)	13,3%

- Estado mais populoso (2004) — Califórnia, com 35,894 milhões de residentes
- Estado menos populoso (2004) — Wyoming, com 507 mil residentes
- Estado de crescimento mais rápido entre 2000 e 2004 — Nevada, 16,8% de aumento
- Estado com maior área urbana (2004) — Nova Jersey
- Maior área metropolitana — Cidade de Nova York/Nova Jersey com 18,71 milhões de residentes
- Cidade com o maior número de residentes estrangeiros — San José, Califórnia, com 40,5%

PLURALISMO E DEMOCRACIA

Kenneth Janda

Kenneth Janda é professor de Ciência Política da Universidade Northwestern, em Chicago, Illinois.

Em comparação com outras democracias, os Estados Unidos têm uma estrutura de governo bastante descentralizada. Os autores da Constituição americana tiveram grande preocupação com o perigo da concentração de poder em uma única instituição política e se empenharam para dividir o poder entre as diferentes esferas de governo. O sistema descentralizado americano contrasta com o modelo estritamente “majoritário” de democracia, segundo o qual o governo deve promulgar legislação e buscar políticas que atendam de imediato aos anseios da maioria da população.

O modelo americano de governo democrático, a democracia pluralista, tem algumas vantagens sobre o modelo majoritário, e estas refletem a visão dos fundadores da nação. A democracia pluralista exige que o poder do governo seja distribuído e a autoridade descentralizada. Conforme esse modelo, a democracia existe quando a autoridade governamental é dividida entre vários centros de poder abertos aos interesses de vários grupos. Por exemplo, trabalhadores vs. empresas, agricultores vs. lojas de alimentos, empresas carboníferas vs. ambientalistas. Grupos como esses concorrem entre si em uma sociedade pluralista.

Na teoria pluralista, a divisão da autoridade impede que o governo adote medidas apressadas, muitas vezes imprudentes, e pode impedir também toda e qualquer medida quando houver discordância entre centros importantes de poder. Embora a descentralização do poder caracterize o governo americano, alguns aspectos institucionais tendem a centralizar poder, permitindo a ação do governo mesmo quando não há consenso sobre as políticas. Este ensaio descreve de que forma as principais características do sistema político americano contribuem para equilibrar a descentralização e a centralização da autoridade política.

DESCONFIANÇA NA AUTORIDADE CENTRAL

Como súdita do rei George III, a população das 13 colônias britânicas originais não confiava no governo central forte que controlava a vida das pessoas a partir do além-mar e se rebelou em 1775. A Declaração da Independência de 1776 acusava o rei de impor “absoluta tirania a estes estados”. Ao mesmo tempo que lutavam na guerra da independência, os colonos criaram os Estados Unidos da América conforme os Artigos da Confederação, documento que forjou pouco mais que uma aliança entre estados rebeldes. Os colonos ganharam a independência em 1781 —

ano da ratificação e entrada em vigência dos Artigos.

As fragilidades do governo da confederação surgiram após a guerra. O poder estava pulverizado demais: a própria confederação não tinha autoridade para cobrar impostos; não tinha líder com poderes executivos; não podia regulamentar o comércio; era necessário consentimento unânime para alterar o documento. Em 1787, os delegados reunidos na Filadélfia para revisar os Artigos redigiram uma carta inteiramente nova, a Constituição dos Estados

Unidos da América. Entretanto, a Constituição não criou um governo com forte autoridade central. Os delegados buscaram criar um governo descentralizado, mas com maior coordenação central do que a concedida pelos Artigos da Confederação. A nova estrutura governamental logrou equilíbrio entre centralização e descentralização — resultando em uma forma de governo duradoura que funciona bem há mais de 200 anos.

ASPECTOS DA DESCENTRALIZAÇÃO

Muitos aspectos do sistema político americano promovem a descentralização do poder. Quatro dos aspectos mais importantes contidos na Constituição são (1) federalismo, (2) separação dos poderes, (3) Congresso com



O Capitólio é a sede do governo dos Estados Unidos. O prédio da Suprema Corte é visto à direita

(AP/WIDEWORLD)

duas câmaras de igual peso e (4) os sistemas eleitorais — pois há dois sistemas diferentes.

(1) Federalismo

Os autores da Constituição substituíram o modelo confederativo de governo por um modelo federal. Enquanto os Artigos da Confederação prometiam uma “União perpétua” de estados que mantinham sua “soberania, liberdade e independência”, a Constituição não menciona a palavra soberania. Ela começa “Nós, o povo dos Estados Unidos”, significando que o novo governo representava indivíduos, e não estados. Segundo o conceito de federalismo, dois ou mais níveis de governo exercem poder e autoridade sobre as mesmas pessoas e o mesmo território. Por exemplo, o governo nacional garante defesa contra inimigos externos, enquanto os governos estaduais exercem “poder de polícia” — protegendo a saúde, a moral, a segurança e o bem-estar dos cidadãos. O governo nacional pode atuar nessas áreas apenas com a cooperação dos estados. O governo nacional pode oferecer recursos para as rodovias estaduais, construídas conforme padrões nacionais, ou conceder verbas para a educação caso as escolas estaduais sigam determinados procedimentos. Como os poderes de polícia são descentralizados entre os estados, o governo federal tem poder limitado nas áreas de construção de rodovias, melhoria de escolas ou regulamentação de casamentos, divórcios e punições criminais — todas elas, entre outras, descentralizadas sob o controle dos estados.

(2) Separação dos poderes

A Constituição criou uma estrutura que separou os poderes políticos entre os três braços do governo. Conferiu ao Congresso “todos os Poderes Legislativos”, ao presidente, o “Poder Executivo” e à Suprema Corte e tribunais inferiores criados pelo Congresso, o “Poder Judiciário”. Além disso, a Constituição descentralizou a autoridade ainda mais, estabelecendo formas de controle entre os poderes. Exemplo: o Congresso tem poderes para fazer leis, mas o presidente tem o poder de vetá-las; por outro lado, o Congresso pode derrubar os vetos presidenciais com o voto de dois terços do Congresso e aprovar leis. Outro exemplo: apenas o presidente pode negociar tratados, mas esses não podem entrar em vigência sem a aprovação por dois terços dos votos do Senado. Mais um exemplo: embora o Congresso determine a estrutura da Suprema Corte e o presidente nomeie os juízes, a Corte pode invalidar atos do Congresso e

do presidente que julgue estarem em conflito com a Constituição. Com relação ao último exemplo, é importante observar que o poder da Corte de invalidar atos do Congresso e do presidente não estava previsto originalmente na Constituição; tornou-se prática aceita após a histórica decisão do processo Marbury vs Madison, em 1803.

Essa complexa separação de poderes contribui para a descentralização da autoridade governamental nos Estados Unidos. O presidente pode propor programas, mas geralmente é necessária legislação para transformá-los em lei. Mesmo assim, a Suprema Corte tem o poder de rejeitar a lei. A promulgação de leis permanentes é um processo complicado nos Estados Unidos. A tarefa de legislar é mais simples em nações com sistemas parlamentaristas — muito mais comuns entre as democracias do mundo. O partido ou a coalizão dominante no parlamento em geral aprova legislação proposta pelos ministérios do governo, e a maior parte dos tribunais tem poder limitado para invalidá-la.

(3) Congresso bicameral

A descentralização do poder no processo legislativo dos



O presidente do Afeganistão, Hamid Karzai, fala em sessão conjunta do Congresso

(AP/WIDEWORLD)

EUA é ampliada pelo Congresso bicameral. Muitas nações também têm legislativos bicamerais — legislativos com duas câmaras (geralmente chamadas câmaras alta e baixa) —, mas poucos países têm duas câmaras com igualdade de poder. A Câmara dos Deputados se qualifica como câmara baixa porque seus 435 membros são eleitos em distritos eleitorais com base no tamanho da

população. O Senado é menor (100 membros) e se qualifica como câmara alta porque seus membros devem ser mais velhos (pelo menos 30 anos de idade, em comparação com os 25 da Câmara) e são eleitos para mandatos mais longos: seis anos em vez de dois. Embora os senadores sejam eleitos pelo voto popular, dois são escolhidos (para mandatos escalonados) para cada um dos 50 estados, independentemente do tamanho da população.

Segundo a Constituição, as duas câmaras têm pequenas diferenças em termos de poder. Todos os projetos de lei sobre receitas se iniciam na Câmara, e apenas o Senado aprova tratados e nomeações feitas pelo presidente. Essas diferenças desaparecem quando se comparam seus poderes para legislar. Antes de um projeto de lei ser levado à sanção presidencial, precisa ser aprovado nas duas câmaras. Assim, o poder não se concentra mais em uma câmara do que na outra (como na maior parte das nações), sendo dividido igualmente entre as duas.

(4) Sistemas eleitorais

Os Estados Unidos não têm apenas um sistema eleitoral, mas dois — um para o presidente e outro para os membros do Congresso. Ambos contribuem para a descentralização do poder. Vamos analisar primeiro o sistema presidencial. A eleição presidencial não é uma eleição “nacional” em que vence o candidato com a maioria do voto popular de toda a nação. É uma eleição federal que outorga a Presidência ao candidato que obtém a maioria (270) dos votos dos 538 eleitores do “Colégio Eleitoral”. (O número 538 diz respeito ao número de parlamentares da Câmara e do Senado mais três votos do Distrito de Colúmbia). Os estados têm um voto eleitoral para cada um de seus eleitores do Colégio Eleitoral, e cada estado tem tantos desses eleitores quanto suas cadeiras no Congresso. Os estados menores (com apenas um deputado e dois senadores) têm apenas três votos no Colégio Eleitoral. O maior estado, Califórnia, tem 55. Na verdade, por ocasião dos pleitos presidenciais, os eleitores em geral votam em listas partidárias para eleger eleitores do Colégio Eleitoral de seu estado. Após a eleição, os membros do Colégio Eleitoral de cada estado se reúnem nos capitólios estaduais para escolher o presidente. (O Colégio Eleitoral nunca se reúne por inteiro). O candidato que obtiver uma pluralidade de votos em um estado ganha todos os membros do Colégio Eleitoral naquele estado. Portanto, os candidatos à Presidência descentralizam suas campanhas, orientando-as para determinados estados, e não para a nação como um todo.

O sistema eleitoral para o Congresso também incentiva a descentralização. A maior parte das democracias elege parlamentares pelo voto proporcional: os votos são dados aos partidos, e as cadeiras são obtidas proporcionalmente aos votos partidários. Os Estados Unidos elegem os membros do Congresso por meio do voto majoritário: vários candidatos concorrem a uma única cadeira, ganhando o candidato que receber a maioria dos votos. Como obtêm mandato ao ganharem as eleições individualmente, os parlamentares cuidam de seus estados e distritos para que possam ser reeleitos. Isso os incentiva a servir aos interesses locais quando entram em conflito com interesses nacionais.

ASPECTOS CENTRALIZADORES

Federalismo, separação dos poderes, bicameralismo e sistema eleitoral, todos contribuem para a descentralização do poder nos Estados Unidos, servindo ao modelo de democracia pluralista. Entretanto, a divisão da autoridade

política acarreta o risco de que o governo não consiga agir ou sirva apenas aos interesses de minorias organizadas, e não à maioria do povo. Conforme já observado, os autores da Constituição preocupavam-se basicamente com a divisão e o controle da autoridade governamental. Com o passar do tempo, ocorreram certas mudanças institucionais inesperadas que contribuíram para maior centralização da autoridade governamental. Três dessas mudanças institucionais são dignas de nota: (1) a Presidência, (2) o sistema bipartidário e (3) a Suprema Corte.

(1) A Presidência

Os autores da Constituição dedicaram mais de 2.200 palavras ao Poder Legislativo no Artigo I. Descrevem o Poder Executivo com pouco mais de mil palavras no Artigo II. A Presidência era vista por muitos deles basicamente como um escritório administrativo para executar as leis concebidas e aprovadas pelo Congresso. Entretanto, com o passar do tempo, a Presidência tornou-se o foco central do governo americano. O presidente agora define os objetivos nacionais, propõe legislação para atingir esses objetivos, envia ao Congresso orçamento para financiar a legislação nacional e, naturalmente, fala em nome da nação nas relações globais.

Reagindo a crises nacionais e internacionais, os presidentes — quase sempre com a cooperação do Congresso — ampliaram os poderes do cargo, de modo que agora a Presidência é a instituição que mais se preocupa com a opinião pública do país. Nesse sentido, a Presidência se aproxima mais do modelo majoritário de democracia.

(2) O sistema bipartidário

Os partidos políticos não existiam em 1787. Na verdade, a Constituição outorgava a Presidência ao candidato que obtivesse a maioria dos votos, o segundo colocado ficando com a Vice-Presidência. À época da eleição de 1796, dois grupos partidários haviam sido formados no Congresso, apoiando candidatos diferentes à Presidência. O vencedor, John Adams (federalista), teve de aceitar seu opositor, Thomas Jefferson (republicano democrático), como vice-presidente. Em 1804, uma emenda constitucional reconheceu o surgimento dos partidos ao exigir que os eleitores votassem separadamente para presidente e vice-presidente, o que levou a “chapas” partidárias para ambos os



Delegação de Ohio para a votação do colégio eleitoral no prédio da Assembléia Legislativa estadual em Columbus, Ohio, em 13 de dezembro de 2004

(AP/WIDEWORLD)

cargos. Além disso, o surgimento de partidos concorrentes em ambas as casas do Congresso estimulou a coordenação entre as câmaras. O partido que elegia o presidente promovia a coordenação entre a Presidência e o Congresso. O fato de apenas dois partidos terem dominado a política americana durante a maior parte de sua história contribuiu também para a centralização de poder. A política americana gira em torno dos Partidos Democrata e Republicano, que servem alternadamente ao governo e à oposição. Como os partidos menores têm pouco poder nos Estados Unidos, o sistema bipartidário contribuiu para a centralização da autoridade.

(3) A Suprema Corte

Os autores da Constituição criaram a Suprema Corte, mas não tinham uma idéia clara sobre sua forma de funcionamento no novo governo. A

descrição no Artigo III tem menos de 400 palavras e não diz muito sobre o poder da Corte. Em 1803, a Corte, em decisão unânime, confirmou o poder de revisão judicial — autoridade para rever leis aprovadas pelo Congresso, com o fim de determinar se estão de acordo com a Constituição do país. Essa decisão elevou o status da Corte no âmbito do sistema político e também concedeu à Corte a última palavra sobre medidas governamentais polêmicas. A Corte tem contribuído para a centralização da autoridade ao agir como árbitro final de decisões em um sistema de poderes divididos.

CONCLUSÃO

Como o poder é bastante descentralizado entre as instituições do governo, pode-se dizer que o sistema

americano se aproxima do mais alto padrão de democracia majoritária. Entretanto, devido à descentralização do poder, os Estados Unidos preenchem admiravelmente o padrão ouro da democracia pluralista, que assume múltiplos centros de poder. O sistema político americano é aberto a grupos concorrentes que buscam ser ouvidos no processo democrático e, aparentemente, dá espaço para resultados políticos que, com o passar do tempo, levam mais em conta os interesses e as

preocupações de diferentes grupos do que os sistemas baseados no princípio majoritário estrito. ■



O presidente George W. Bush assina proclamação em homenagem ao quarto aniversário do USA Freedom Corps no Salão Oval da Casa Branca em janeiro de 2006. A Casa Branca criou o órgão após os atentados terroristas de 2001 para promover e ampliar o voluntariado nos EUA

(AP/WIDEWORLD)

As opiniões expressas neste artigo são de responsabilidade do autor e não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

Perguntas mais freqüentes sobre os EUA

Qual é o significado das estrelas e listras da bandeira americana?

As 13 listras representam as 13 colônias originais, e cada estrela representa um estado. Portanto, sempre que estados eram adicionados, a quantidade e o esquema das estrelas mudavam. As estrelas passaram a ser 50 desde que o Alasca e o Havaí se juntaram à União, em 1959.



(AP/WWP)

Por que as cores nacionais dos EUA são vermelho, branco e azul?

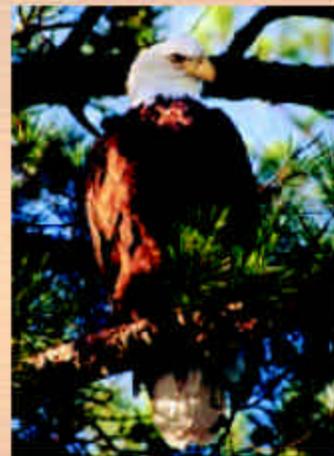
Quando o brasão dos Estados Unidos foi aprovado em 1782, o secretário do Congresso Continental declarou que o branco significava pureza e inocência, o vermelho representava ousadia e coragem e o azul queria dizer vigilância, perseverança e justiça.

Quantos estados existem nos Estados Unidos?

Cinquenta. O Distrito de Colúmbia (Washington, DC) é um distrito federal especial criado para ser a capital. Porto Rico é um estado livre associado dos Estados Unidos. Outras áreas dependentes incluem Samoa Americana, Guam, as Ilhas Midway e as Ilhas Virgens.

Qual é o símbolo oficial dos Estados Unidos?

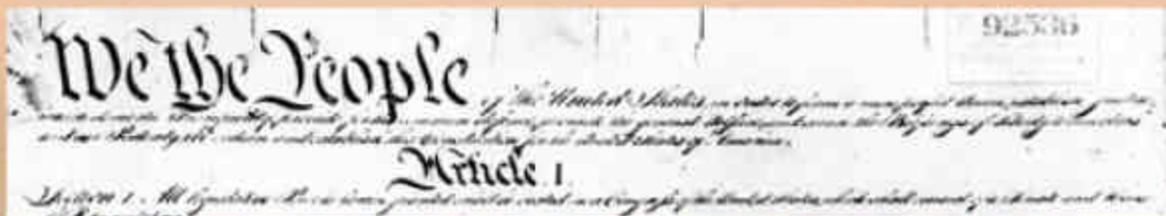
A águia de cabeça branca apareceu pela primeira vez como símbolo americano em uma moeda de cobre de um centavo, cunhada em Massachusetts, em 1776, mas o Congresso só a escolheu como emblema nacional em 1789. Era vista como símbolo de força, coragem, liberdade e imortalidade; e, ao contrário das outras águias, era nativa somente da América do Norte.



(AP/WWP)

Quais são as palavras iniciais da Constituição dos EUA?

"Nós, o Povo dos Estados Unidos, a fim de formar uma União mais perfeita, estabelecer a Justiça, assegurar a tranqüilidade interna, prover a defesa comum, promover o bem-estar geral e garantir para nós e para nossos descendentes os benefícios da Liberdade, promulgamos e estabelecemos esta Constituição para os Estados Unidos da América."



(AP/WWP)

Quem foi chamado "Pai da Constituição"?

James Madison, da Virgínia, por ter-se destacado na preparação da minuta do documento e ter sido convincente em sua defesa na Convenção Constitucional.

Quem presidiu a Convenção Constitucional?

George Washington, escolhido por unanimidade.

Quanto tempo foi necessário para conceber a Constituição?

Ela foi redigida em menos de 100 dias úteis.

Em que ordem os estados ratificaram a Constituição?

Na seguinte ordem: Delaware, Pensilvânia, Nova Jersey, Geórgia, Connecticut, Massachusetts, Maryland, Carolina do Sul, New Hampshire, Virgínia e Nova York. Depois que Washington foi empossado, a Carolina do Norte e Rhode Island ratificaram a Constituição.

Quando se originou a expressão "Os Estados Unidos da América"?

O primeiro uso conhecido do termo formal "Estados Unidos da América" foi na Declaração da Independência. Thomas Paine, em fevereiro de 1776, havia escrito sobre os "Estados Livres e Independentes da América." Os termos "Colônias Unidas", "Colônias Unidas da América", "Colônias Unidas da América do Norte", bem como "Estados", foram usados em 1775 e 1776.

Quantas emendas foram adicionadas à Constituição dos EUA desde sua adoção em 1789?

Foram adicionadas 27 emendas.

Quais palavras da Declaração da Independência são citadas com mais frequência?

"Consideramos verdades evidentes por si mesmas que todos os homens nascem iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis e que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a Busca da Felicidade."

Quais são as palavras da primeira estrofe de "The Star-Spangled Banner", o hino nacional dos Estados Unidos?

Oh, diga, você consegue ver às primeiras luzes do amanhecer
O que nós saudamos com tanto orgulho nos últimos lampejos do crepúsculo?
De quem eram as largas listras e estrelas brilhantes, durante a luta perigosa,
Que vimos balançar tão galantemente sobre as trincheiras?
E o clarão vermelho dos foguetes, as bombas explodindo no ar
Deram prova durante a noite de que nossa bandeira ainda estava lá.
Oh, diga, esse pendão semeado de estrelas ainda tremula
Sobre a terra dos livres e a pátria dos bravos? (tradução livre)



Retrato do presidente americano, James Madison, feito pelo artista Gilbert Stuart

(AP/WWWP)



Este quadro retrata Francis Scott Key contemplando o tremular da bandeira americana sobre o Forte McHenry, no porto de Baltimore, um dia após haver testemunhado o bombardeio britânico do forte na Guerra de 1812. Esse cenário inspirou o poeta a escrever "The Star-Spangled Banner", que se tornou o hino nacional americano em 1931

(AP/WWWP)

A TAPEÇARIA CULTURAL AMERICANA

Gary Weaver

Gary Weaver é membro do corpo docente da Escola de Serviço Internacional na Divisão de Comunicação Internacional da Universidade Americana.

Para entender o comportamento e as políticas públicas dos Estados Unidos, é fundamental conhecer a cultura do país. Em muitas línguas, cultura se refere geralmente à arte, à música, à história e à literatura. Nos EUA, tudo isso será visto como os resultados ou artefatos da cultura. Nossa definição de cultura é muito mais antropológica. Em inglês americano "cultura" significa simplesmente o modo de vida de um grupo de pessoas transmitido de uma geração à outra por meio da aprendizagem. Isso inclui crenças, valores, padrões de pensamento e visões de mundo fundamentais compartilhados pela maioria dos americanos. Podemos examinar esses aspectos externos da cultura e inferir que eles refletem nossos valores internos, crenças e visões de mundo. Se não entendermos a cultura americana interna, é quase impossível explicar o comportamento externo, inclusive nossas políticas públicas.



© Ralph A. Clevenger / CORBIS

COMPORTAMENTO

CRENÇAS

VALORES,
PADRÕES DE
PENSAMENTO E
VISÕES DE MUNDO

Se tivéssemos de desenvolver uma representação gráfica da cultura americana dominante ou principal, podemos considerar um iceberg. A maior parte de um iceberg esconde-se sob as águas. O mesmo acontece com a cultura. A maior parte é de natureza interna ou está dentro de nossa cabeça e bem abaixo do nível da água de nossa consciência. Embora a ponta visível possa sofrer mudanças — já que o iceberg derrete com o sol e a chuva —, a base permanece praticamente a mesma com o passar do tempo. Do mesmo modo, o ritmo de mudança das nossas crenças, valores, modos de pensar e visões de mundo fundamentais é muito lento.

Essa parte da cultura é aprendida de forma inconsciente, bastando, para isso, crescer em determinada comunidade ou família. Nenhum pai ou mãe se senta à mesa do café com uma criança e ensina "valores culturais". Na verdade, eles são aprendidos inconscientemente pelo simples fato de alguém crescer em determinado ambiente familiar. Essa é a razão para o relativo desconhecimento de nossos valores culturais, que somente se revelam quando deixamos o país e entramos em contato com pessoas de outras culturas.

ÊNFASE NA REALIZAÇÃO INDIVIDUAL

Quando os imigrantes chegaram pela primeira vez ao meu país, eles trouxeram ao "Novo Mundo" suas crenças e valores europeus. Haviam desembarcado em um lugar onde parecia haver recursos naturais ilimitados e imensas oportunidades de sucesso. Na Europa, quem nascia pobre, morria pobre. A combinação de crenças e valores europeus e a oferta abundante de recursos e oportunidades criaram um novo conjunto de valores culturais denominado por nós de "americano".

Essas novas crenças e valores de realização individual e mobilidade social foram recompensados e reforçados. Os americanos começaram então a se identificar em termos do que fazem. Se alguém encontra um americano em uma festa, ele ou ela diz geralmente à guisa de cumprimento: "Olá, meu nome é Gary Weaver. Sou professor da Universidade Americana. Você trabalha em que?"

As pessoas de muitas outras culturas, entretanto, costumam se apresentar em termos de quem são. Um norte-africano pode cumprimentar alguém, assim: "Olá. Sou Pap Seka, filho de Tamsier Seka, do rio acima em Basse". A fonte principal de sua identidade é quem ele é — o pai e o local de nascimento. Esse status é devido à família e herança, não ao que faz como indivíduo ou venha a fazer no futuro.



AP/WWP

Tina Solomon, 88, de Brockton, Massachusetts, acende uma vela para a primeira noite da Kwanzaa, feriado afro-americano

DESCONFIANÇA EM GOVERNO CENTRAL EXTREMAMENTE PODEROSO

Ao contrário das práticas europeias, os primeiros colonizadores ao chegarem às praias do país não queriam rei, rainha nem papa. Viam com muita desconfiança um governo central extremamente poderoso. Nas palavras do grande filósofo americano, Henry David Thoreau (1817-1862), acreditavam que "quanto menos governo, melhor". Obviamente, sabiam que esse "Novo Mundo" precisava de um governo nacional para tratar das relações exteriores e do comércio internacional; no entanto, assuntos importantes no dia-a-dia eram considerados responsabilidade do governo local.

Os EUA nunca tiveram uma força policial nacional. Questões de bem-estar social, execução da lei e decisão judicial, atendimento aos enfermos e assim por diante são prerrogativas da jurisdição local. As liberdades civis do país, como liberdade de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de religião, entre outras, estão na Constituição e na

Declaração de Direitos. Esses documentos protegem as liberdades individuais e defendem contra um governo nacional extremamente poderoso.

NÃO TOTALMENTE UM "CALDEIRÃO CULTURAL"

Muitas pessoas acreditam que os Estados Unidos são uma combinação de diferentes culturas sem o domínio de nenhuma delas. A metáfora que reflete essa suposição generalizada é a do "caldeirão cultural". Pessoas do mundo inteiro trazem suas culturas para esse país e a lançam no caldeirão americano. A mistura é agitada e aquecida até a fusão das várias culturas.

Há um pouco de verdade nessa idéia. Os Estados Unidos são certamente uma sociedade bastante diversificada; no entanto, há também uma cultura dominante. Os imigrantes tornaram-se parte dessa cultura ao abandonar muitas de suas diferenças para poder se integrar à grande maioria da sociedade. Algumas pessoas podem até mesmo argumentar que os EUA têm geralmente tido a atitude cultural "de sempre", usando como modelo da nossa sociedade o homem branco, anglo-saxão e protestante. Imigrantes brancos do sexo masculino podiam se encaixar com facilidade no modelo ao adotar um nome anglo, converter-se à cristandade protestante e falar inglês sem sotaque estrangeiro. Nem todos, contudo, conseguiam se conformar a esse molde-padrão. As pessoas não podem mudar de gênero, cor da pele e textura do cabelo. Alguns tinham maior capacidade de adaptação do que outros.



AP/WWP

Arleet Del Real (à esquerda), 5 anos, e Javier Acuna, 6 anos, dançam com bailarinos mexicanos do grupo de dança folclórica, Xochiquetzal-Tiquin, na festa "Meet the World" (Conheça o Mundo) em Anchorage, Alasca

TRANSFORMAÇÃO EM "MOSAICO" OU "TAPEÇARIA"

Claro que os Estados Unidos mudaram. A maioria dos americanos não mais aceitará a idéia de caldeirão cultural ou a cultura de sempre. Na verdade, tornou-se bastante comum descrever o país como um mosaico ou tapeçaria. Essas metáforas populares de agora sugerem que é aceitável manter as diferenças e ainda fazer parte da sociedade como um todo. Em um mosaico ou tapeçaria, cada cor é distinta e contribui para a beleza total do objeto. Basta retirar uma peça do mosaico ou um fio da tapeçaria, para destruir o trabalho. Atualmente é mais fácil manter as diferenças. As diferenças de gênero, raça, origem nacional, etnia, religião e orientação sexual são aceitáveis e não precisam ser abandonadas para ter as mesmas oportunidades de realização dos objetivos de vida.

Os "americanos hifenizados" — pessoas com dupla identidade — refletem a crença de que é possível conservar a identidade étnica, nacional, religiosa e racial e ainda ser americano. Mexicano-americanos, irlandês-americanos, afro-americanos ou negros americanos, árabe-americanos, muçulmano-americanos e indígenas americanos, todos eles refletem a prática de ser um verdadeiro americano, mas sem perder a co-identidade. Naturalmente o que sustenta uma nação não é apenas um conjunto de crenças e valores comuns, mas também a língua inglesa e as experiências comuns.

Em quatro Estados - Novo México, Texas, Califórnia, e Havaí — e no Distrito de Colúmbia, pessoas brancas não hispânicas são uma minoria demográfica. De acordo com a maioria dos demógrafos, até 2050 os brancos não hispânicos serão minoria na população nacional geral. Essa tendência, no entanto, não parece ameaçar o americano médio. De fato, a maioria dos americanos acredita que a diversidade melhora a resolução criativa dos problemas e aumenta a produtividade.

Isso reflete o modelo multicultural e a suposição de que as diferenças não são apenas bem-vindas, mas são até mesmo valorizadas e vistas como qualidades. Muitas poucas pessoas gostariam de retornar a um passado no qual as minorias eram obrigadas a abandonar suas diferenças para se adequar à cultura dominante. A diversidade é uma oportunidade a ser aproveitada, não um obstáculo a ser superado.

A questão atualmente enfrentada por meu país não é como se livrar das diferenças, mas sim como administrar uma sociedade com tamanha diversidade. Os Estados Unidos têm sido sempre um país muito diverso, porém agora não é mais simplesmente uma questão de agregar diferentes nacionalidades e grupos étnicos europeus. Diversidade hoje significa todas as raças e grupos étnicos, diferentes nacionalidades, homens e mulheres, deficientes, empregados de todas as faixas etárias e pessoas de várias orientações sexuais. Por causa da realidade das mudanças demográficas, da crescente interdependência global e dos claros benefícios da diversidade, os americanos adaptarão e desenvolverão as habilidades necessárias para poder se comunicar e trabalhar com pessoas de todos os contextos culturais. ■

As opiniões expressas neste artigo não refletem necessariamente a posição nem as políticas do governo dos EUA.

A GARRA DE UM QUINTETO

Paul Malamud

Paul Malamud é da equipe de redação do Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA.

EMPREENDEDORA NAS PISTAS



Cortesia: iRUNLIKEAGIRL/Color Classics/Peoria, Illinois

Jennifer Wright-Tubbs

Em qualquer negócio uma marca bem-sucedida gera vendas. Mas criar a marca certa para um novo negócio pode ser também uma declaração sobre sua vida. É isso que a empresária Jennifer Wright-Tubbs, de Peoria, Illinois, está aprendendo.

Em março deste ano, Wright-Tubbs, formada em publicidade, lançou seu próprio negócio de roupas para corrida com a marca iRUNLIKEAGIRL. Esse logo chamativo lança mão do insulto comum nos pátios escolares? "você corre como uma menina" - e o transforma em uma declaração orgulhosa sobre a importância do atletismo e da automotivação da mulheres. "Sem dúvida, a conotação negativa transformou-se em alguma coisa mais positiva", observa Wright-Tubbs.

"É correr entre as obrigações diárias, as comemorações e as decepções da vida; correr em busca de saúde e correr porque você tem essa habilidade", declarou Wright-Tubbs ao diário local Journal Star. Wright-Tubbs, ela própria uma entusiasta por corrida de longa distância, diz que o objetivo do slogan é motivar mulheres a correr com sucesso em muitas áreas de sua rotina diária? viver com gosto. "É um modo de vida, uma percepção de quem somos", acrescenta. Acostumada ao ritmo acelerado, ela estreou sua linha na *More Marathon* (para mulheres acima dos 40) e duas semanas mais tarde já estava na famosa Maratona de Boston. Nas primeiras semanas do negócio, ela fez dezenas de milhares de vendas. Alguns de seus clientes eram mulheres que refletiam "o espírito da garota sem idade"; outros eram homens comprando para as mulheres de sua vida.

Natural de Iowa, Wright-Tubbs começou correndo uma milha na pista da faculdade. Depois da mudança para Chicago, começou a correr longas distâncias e, aos 27 anos, participou da Maratona de Chicago. Desde então, já competiu em oito maratonas.

O site iRUNLIKEAGIRL convida mulheres do mundo todo a descobrir não somente o que a corrida fez por uma

mulher, mas como a energia, a automotivação, o entusiasmo? e uma atitude corajosa e sem limite? podem levar ao que Wright-Tubbs gosta de chamar "correr com espírito". O seu negócio está apenas no começo. "O difícil deste negócio é cuidar dele pessoalmente neste momento", acrescenta ela. Em fase de mudança em Manhattan, ela espera expandir no futuro e começar a substituir a operação via internet por lojas de varejo, perspectiva que a faz sentir-se "cautelosamente confiante". Wright-Tubbs tem grandes planos para o futuro: levar sua marca para mais cidades americanas - grandes e pequenas - e possivelmente para todo o mundo.

O MÉDICO DOS POBRES

Farmer nasceu em uma família pobre e numerosa. Parte de sua infância morou em um ônibus transformado em trailer em um estacionamento na Flórida, assim como em uma barraca e em um barco. Contudo, se tornou uma das principais forças ao levar assistência médica às pessoas no mundo todo.



AP/WWP

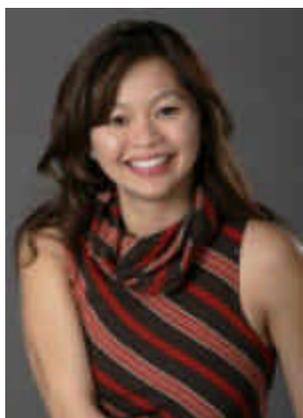
Paul Farmer

Enquanto era estudante de medicina em Harvard, em 1987, Farmer iniciou uma fundação sediada em Boston, a Parceiros em Saúde (PIH), com seu colega de faculdade Jim Yong Kim, e montou uma clínica médica no Haiti. Essa clínica haitiana, que ajuda cerca de 100 mil pessoas, tornou-se modelo para clínicas semelhantes que combatem doenças e que também oferecem um amplo leque de serviços sociais e de auto-aperfeiçoamento em áreas carentes no mundo todo. A Parceiros em Saúde define seus objetivos como "levar os benefícios da assistência médica moderna aos mais carentes e funcionar como antídoto contra o desespero". O modelo da PIH fornece unidades móveis de triagem, programas de treinamento para profissionais de campo na área de saúde,

clínicas, escolas e tratamentos em domicílio à base de medicamentos complexos, assim como desenvolvimento de pesquisas sobre doenças infecciosas. Protocolos inovadores de dosagem de medicamentos desenvolvidos por Farmer e parceiros reduziram os índices de mortalidade por tuberculose e Aids resistentes a medicamentos, em lugares tão longínquos quanto a Sibéria e o Peru.

"Médico dos pobres" ? foi como Farmer uma vez se descreveu para Tracy Kidder, autora do best-seller intitulado *Mountains Beyond Mountains*. Farmer espera continuar trabalhando para reduzir a fome, as doenças e a mortalidade desnecessária no mundo. "Acredito na possibilidade de convencer as pessoas de que é errado deixar doentes carentes no mundo morrer sem assistência", disse Farmer. "Podemos mudar isso."

ESTILISTA DE ALTA MODA



Chloe Dao

Foto: AP/ Roupas femininas para o dia-a-dia

Quando em 1979 Thu Thien Dao e Hue Thuc Luong chegaram aos Estados Unidos, originários de Laos, eles tinham sonhos para suas oito filhas. A família administrava uma empresa de lavanderia e alfaiataria em Houston, no Texas, mas, como muitos outros trabalhadores imigrantes, queriam que seus filhos tivessem uma boa educação e ingressassem na

faculdade de direito ou de medicina.

Contudo, a sexta filha, Chloe, pensava diferente. Aos dez anos, ficou encantada com um programa da CNN que se chamava "Estilo com Elsa Klensch". Na adolescência, na garagem de sua casa, Chloe começou a perseguir sua paixão pelo design bonito, transformando em bijuteria parafusos e borrachas e outros objetos descartados. Depois de iniciar o curso de marketing na faculdade, ela decidiu perseguir seu sonho pessoal matriculando-se em um curso de design de uma faculdade comunitária e então fez uma visita ao Instituto de Tecnologia de Moda da Cidade de Nova York.

"Adoro minha mãe e meu pai", declarou Chloe recentemente ao San Jose Mercury News. "Mas você tem de seguir seus sonhos. Você tem de priorizar o que quer fazer."

A viagem a Nova York levou-a a arranjar um emprego no setor de roupas para a noite, ocasião em que Chloe ajudou a administrar uma pequena empresa de design e a transformá-la em um negócio de vários milhões de dólares. Em 2000, de volta a Houston, ela fundou sua própria boutique de estilista com o nome "Lot 8" — em homenagem às 8 filhas da família. A Lot 8, com uma coleção de vestidos tanto para a noite quanto para o dia-a-dia e roupas desportivas, é no momento uma das boutiques de moda mais conhecidas de Houston e tem recebido atenção de todo o país.

Chloe também participa do "Projeto Runway" da TV Bravo — um *reality show* no qual diferentes estilistas competem toda semana para resolver um problema de design. Chloe foi a vencedora da segunda temporada do programa e ganhou US\$ 100 mil que a ajudaram a lançar sua própria grife de roupas. "Crio para qualquer pessoa", declarou Chloe. "Boa moda é uma forma de promover a igualdade."

ALUNA PROMISSORA



Anna Umanskaya

Cortesia: Anna Umanskaya

Anna Umanskaya não é uma típica adolescente americana. Primeiro, aos 18 anos, ela mora sozinha em um apartamento no Brooklyn, um dos bairros de Nova York. Segundo, ela enfrenta a vida com extraordinário senso de energia focada.

Anna ganhou recentemente uma bolsa de estudos do New York Times para frequentar a faculdade. Ela compartilha

a distinção com outros 18 alunos do último ano do ensino médio de Nova York que, entre 1.400 candidatos, ganharam o prêmio em 2006 com base em mérito e potencial intelectual. Além da bolsa de estudos de US\$ 30 mil, que lhe permitirá frequentar a Universidade de Brandeis, o Times também oferece aos ganhadores um estágio de verão, um laptop e aconselhamento acadêmico. Anna planeja estudar Relações Internacionais na faculdade.

Trazida aos Estados Unidos de Moscou aos 10 anos por sua avó, Anna teve uma vida familiar difícil, com parentes morando longe e muitas mudanças. Por fim, ela se aventurou por conta própria. Atualmente aluna do último ano da escola de ensino médio Franklin Delano Roosevelt, no Brooklyn, Anna trabalha como garçonete em um café à noite para ganhar a vida. Apesar disso, ela ainda está entre os melhores alunos de sua classe, presta serviço voluntário para idosos e encontra tempo para escrever de maneira criativa sozinha. No ano passado, ganhou uma bolsa de estudos ao vencer o concurso anual de redação do Brooklyn sobre a Memória do Holocausto para alunos do ensino médio.

Até agora, a vida de Anna Umanskaya espelha a história de um imigrante tradicional nos Estados Unidos — tempos difíceis, trabalho árduo, surgimento de oportunidades. "Eu tinha que ter mais", Anna disse ao New York Times. "Realizar meus sonhos, entrar na Brandeis, estar onde eu quero, para variar."

CONSELHEIRO DE EX-CONDENADOS



Julio Medina

Cortesia: Exodus Transitional Community, Inc.

Para algumas pessoas, encontrar uma carreira exige muito trabalho árduo. Essa tem sido a história de Julio Medina da Comunidade Transnacional Exodus. Ele percorreu o caminho difícil.

Preso na juventude por vender drogas, acabou recebendo uma condenação de 12 anos. Contudo, a experiência e o aconselhamento prestado

pelo grupo de cunho religioso Exodus no sistema prisional do estado de Nova York mostraram a ele que servir ao próximo pode ser um chamado divino. Libertado em 1996, começou a trabalhar como conselheiro de viciados em substâncias e infectados pelo HIV.

Por fim, Medina decidiu dedicar-se aos problemas de ex-presidiários que tentam retornar à sociedade. Com base em sua própria experiência de vida, Medina sabia muito bem quantos ex-presidiários retornam ao crime e algumas das razões: dificuldade em arrumar emprego, problemas emocionais, incapacidade de formar laços familiares. Em 1999, obteve recursos para formar a Comunidade Transnacional Exodus, um lugar onde ex-condenados com problemas de reintegração à sociedade podem encontrar ajuda prática.

Até hoje, a Transnacional Exodus, sediada em East Harlem, Nova York, já ajudou mais de 1.500 homens e mulheres a se reintegrar ao mundo quando deixam a prisão, o vício ou as ruas. A Exodus oferece um programa de auto-avaliação, aconselhamento, habitação e encaminhamentos a emprego ? até mesmo capacitação em informática. A Exodus — parte de uma iniciativa do Departamento do Trabalho dos EUA - alega ter reduzido o índice de reincidência de presos, a ponto de 75% de seus clientes retornarem à vida normal. (Em âmbito nacional, cerca de dois terços dos condenados acabam voltando à prisão).

Segundo Medina, as melhores pessoas para ajudar ex-presidiários são os próprios ex-presidiários. "Em minha opinião, ninguém mais sabe fazer isso melhor do que homens e mulheres que passaram pelo processo", afirmou ele certa vez a um jornal. "Somos especialistas em fazer isso. Somos aqueles que vão reverter a situação." ■

Alguns dados sobre os EUA

Dados estatísticos sobre os Estados Unidos

<http://www.census.gov/compendia/statab/>

Geografia

Área total (quilômetros quadrados)	9.631.418
Pessoas por quilômetro quadrado (2006)	32,56

Economia

Produto interno bruto (2005)	US\$ 11.134.600.000.000
Renda média domiciliar (2004)	US\$ 44.389
Renda monetária per capita (2003)	US\$ 23.276
Taxa de crescimento do PIB (2005)	3,5%
Taxa de desemprego (fevereiro 2006)	4,8%
Taxa anual de desemprego (2005)	5,1%
Emprego no setor privado não agrícola (2005)	139.532.000
Vendas a varejo (2003)	US\$ 3.275.407.000.000
Vendas a varejo per capita (2003)	US\$ 11.254
Empresas de propriedade de representantes de minorias (2002)	17,9%
Empresas de propriedade de mulheres (1997)	30,0%

Educação

Taxa de alfabetização (Relatório de Desenvolvimento Humano da Unesco)	99%
Número de faculdades e universidades (<i>Compêndio de Estatísticas da Educação</i>)	4.168
Número de escolas de ensino fundamental*	61.572
Número de escolas de ensino médio*	26.541
Custo de educação universitária (Estimativas do <i>Compêndio de Estatísticas da Educação</i> , 2003-04)	US\$ 9.246 por ano em instituições públicas US\$ 24.748 em instituições particulares

* Características de escolas, distritos... Levantamento de Escolas e Pessoal 2003-04, NCES On-line

Ícones Americanos

A palavra “ícone” tem raízes religiosas. Originalmente se referia a um quadro de figura sagrada, como imagens de Cristo na tradição ortodoxa oriental. Mas o significado tem se ampliado para abranger qualquer símbolo poderoso – por exemplo, a revista *Newsweek* há alguns anos publicou uma lista dos “200 Ícones da Cultura Popular” mais famosos.

Apresentamos os 32 ícones americanos nestas páginas no mesmo espírito da lista da *Newsweek*. Alguns, como Elvis Presley ou Marilyn Monroe, são emblemas mundiais da cultura popular dos Estados Unidos. Outros têm sido grandes líderes políticos ou de direitos civis, cientistas, empreendedores, escritores e atletas deste país. O que nossos ícones têm em comum é que todos alcançaram um patamar de fama entre seus concidadãos americanos que merece o adjetivo “icônico”. Ou seja, a vida desses ícones simboliza para muitas pessoas algo de grande e importante sobre este país e os valores que norteiam a vida dos americanos.

Ao observar essas figuras mais de perto, padrões se revelam. Um deles é a história familiar da imigração e da diversidade em constante crescimento. Visto que elaboramos esta seção em ordem cronológica,

as figuras masculinas descendentes de ingleses e a geração dos pioneiros predominam nos primeiros anos da nossa lista. Com o passar do tempo, mulheres, ameríndios e afro-americanos começaram a desempenhar papel importante na saga que é este país. A partir de então e de maneira gradual, hispano-americanos, ázio-americanos e outros grupos étnicos assumem seu lugar na sociedade americana.

Ao discutir sobre quais nomes incluir nesta lista nos damos conta de que qualquer esforço para compilar ícones americanos está fadado a deixar de fora tantas figuras importantes quanto as que são incluídas. Em resumo, poderíamos ter preenchido livros com ícones da história dos Estados Unidos, mas o espaço nos limita a 32.

Caso você queira sugerir algum ícone americano, avise-nos para a próxima vez que fizermos uma lista. Para tanto, gostaríamos que entrasse em contato pelo site iiptcp@state.gov. Cite o nome e explique, em uma ou duas frases, por que em sua opinião essa pessoa é um ícone americano.

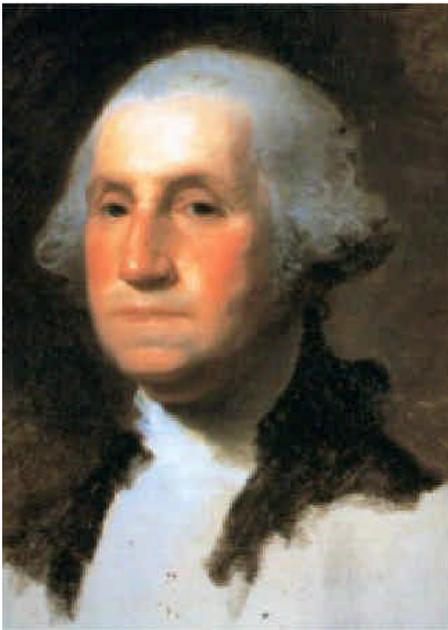


ÍCONES AMERICANOS

Benjamin Franklin (1706-90) – Franklin é o pioneiro visto como mestre da sabedoria prática popular dos EUA. De origem humilde, começou como impressor e escritor (foi autor do Almanaque do Pobre Ricardo), tornou-se depois inventor e cientista e concluiu sua longa carreira como diplomata consumado. Seu papel foi fundamental nos bastidores das convenções que conduziram à Declaração da Independência e à Constituição dos EUA.



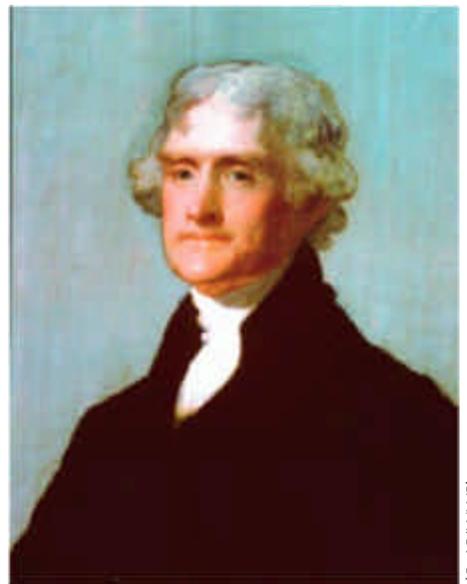
Biblioteca do Congresso



(© AP/WWP)

George Washington (1732-99) - O primeiro presidente dos Estados Unidos e comandante-em-chefe americano na Guerra da Independência contra a Inglaterra, Washington é muitas vezes chamado de "Pai do Seu País". A princípio um fazendeiro da Virgínia, Washington demonstrou grandes qualidades de liderança como militar. Altamente popular com o povo americano, foi louvado por um membro do Congresso como “o primeiro na guerra, o primeiro na paz e o primeiro no coração de seus compatriotas”.

Thomas Jefferson (1743-1826) – Jefferson foi o principal autor da Declaração da Independência, em 1776. “Consideramos verdades evidentes por si mesmas”, escreveu, “que todos os homens nascem iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis e que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a Busca da Felicidade”. Jefferson, posteriormente eleito terceiro presidente dos Estados Unidos, também redigiu a legislação do estado da Virgínia, estabelecendo a liberdade religiosa, e fundou a Universidade de Virgínia.



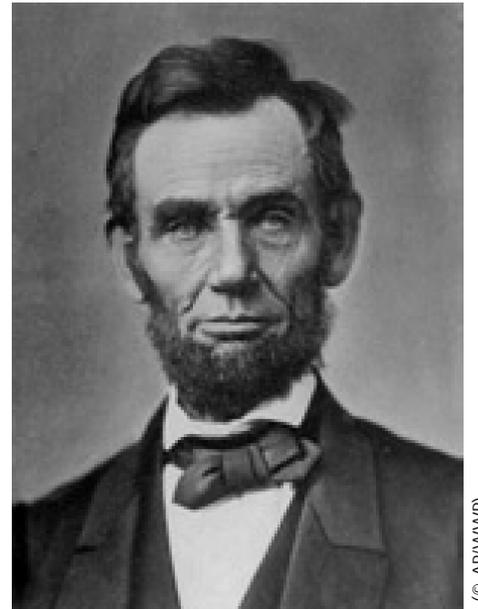
(© AP/WWP)

ÍCONES AMERICANOS



Sacagawea (c. 1786-1812) – Sacagawea, uma jovem da tribo indígena lemmhi do atual estado de Idaho, em 1804-06 ajudou a expedição de Lewis e Clark a explorar vastas terras recém-adquiridas no Oeste americano. Sacagawea, que falava diversos dialetos indígenas, serviu de guia e intérprete de várias tribos americanas durante essa expedição pacífica. Quando a expedição encontrou o grupo dos lemmhis, ela os convenceu a fornecer os cavalos, os mantimentos e o abrigo que tornaram possível a jornada para o Oceano Pacífico. Uma das descendentes de Sacagawea, Willow Jack, é retratada em trajes autênticos.

Abraham Lincoln (1809-1865) - Presidente durante a Guerra Civil americana, 1861-65, Lincoln é respeitado por ter mantido a União coesa e libertado os escravos. Lincoln, um legislador de Illinois, foi indicado candidato a presidente pelo Partido Republicano e eleito em 1860 por sua plataforma antiescravista. Em consequência disso, 11 estados sulistas se separaram, e a guerra começou. No Discurso de Gettysburg, ele declarou sua determinação de "que o governo do povo, pelo povo, para o povo não desapareceria da face da Terra".



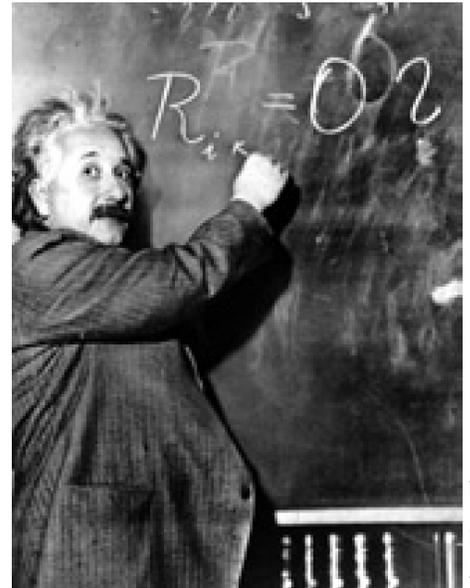
Susan B. Anthony (1820-1906) - Indignada porque a 15ª Emenda à Constituição dos EUA (1870) garantiu o direito de voto aos escravos recém-libertados, mas não às mulheres, Susan B. Anthony conduziu um grupo de mulheres às urnas em Rochester, Nova York. Foi presa várias vezes por tentar votar e mais tarde organizou a Aliança Internacional para o Sufrágio Feminino. Susan faleceu em 1906, deixando o caminho preparado para a ratificação da 19ª Emenda, que em 1920 assegurou às mulheres americanas o direito de voto.

Sitting Bull (c. 1831-1890) – O último dos grandes chefes indígenas americanos, Touro Sentado (Sitting Bull), foi um líder da tribo sioux conhecido por sua firme tentativa, embora vã, de manter as terras dos índios na região das Grandes Planícies. Os índios dependiam de vastos rebanhos de búfalos, que foram sendo dizimados com a chegada de caçadores, soldados e colonizadores oriundos da Região Leste dos Estados Unidos, em meados dos anos 1800. Em 1876, Touro Sentado liderou as forças indígenas na famosa batalha de *Little Bighorn* contra os soldados do Exército americano comandados pelo general George Custer.



ÍCONES AMERICANOS

Albert Einstein (1879-1955) – O mais importante físico do século 20, Albert Einstein desenvolveu a teoria da relatividade que derrubou idéias anteriores sobre a natureza do universo físico. Nascido em 1879 na Alemanha, elaborou suas importantes teorias quando ainda era jovem. Expulso da Alemanha pelos nazistas em 1933, Einstein assumiu um cargo no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, Nova Jersey. Suas idéias se mostrariam fundamentais no desenvolvimento da bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial.



(© AP/WWP)



(© AP/WWP)

Franklin Delano Roosevelt (FDR) (1882-1945) – O otimismo e a habilidade política de Franklin D. Roosevelt ajudaram a levar os Estados Unidos adiante em sua maior crise interna desde a Guerra Civil: os tempos difíceis da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial. Assumiu a Presidência em 1933, e durante seus 12 anos de governo viu o país se recuperar economicamente e triunfar sobre as forças do Eixo. FDR foi um herói para os pobres, mas muitos empresários não aprovaram suas reformas econômicas e sociais, denominadas New Deal.

ÍCONES AMERICANOS

Khalil Gibran (1883-1931) – Nascido no Líbano, o poeta Khalil Gibran imigrou para os Estados Unidos com 12 anos. A obra-prima deste que é o mais influente escritor árabe-americano, O Profeta, tem sido best-seller por mais de 50 anos. Ele é geralmente citado como o segundo livro mais comprado nos Estados Unidos depois da Bíblia. O Congresso dos EUA criou o Memorial Khalil Gibran Jardim de Poesia em 1990 em Washington, DC. "Deus fez a verdade com muitas portas para acolher todo crente que a elas vem bater", escreveu Gibran certa vez.



Eleanor Roosevelt (1884-1962) - Eleanor Roosevelt era sobrinha de um presidente, Theodore Roosevelt, e esposa de outro, Franklin Delano Roosevelt. Como primeira-dama de 1933 até 1945, ela fez campanha pelos programas do New Deal de seu marido e pelos direitos civis. Foi ainda a primeira mulher a falar numa convenção política nacional, a escrever uma coluna distribuída por agência de notícias e a realizar coletivas de imprensa regulares. Além disso, ajudou a fundar as Nações Unidas e presidiu a comissão que elaborou e aprovou a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Ernest Hemingway (1899-1961) - "A coisa mais difícil de fazer no mundo", escreveu certa vez o romancista Ernest Hemingway, "é escrever prosa franca sobre seres humanos". Motorista de ambulância na Primeira Guerra Mundial, Hemingway viveu na Europa nos anos 1920 e publicou seus primeiros romances de sucesso, O Sol Também se Levanta e Adeus às Armas, sobre as experiências de guerra da sua geração. Sua longa carreira de romancista e escritor de contos assegurou-lhe o Prêmio Nobel de Literatura em 1954.



Louis "Satchmo" Armstrong (1901-1971) – O mais famoso músico de jazz do século 20, Armstrong transformou, com seu trompete virtuoso, uma tradição musical regional em uma forma de arte americana, tocando e cantando de maneira única. Sem ajuda de ninguém, ele fez do trompete um instrumento solo indispensável para o jazz. A ele também é atribuído o "scat singing", modo de interpretação vocal sem palavras que se tornou elemento essencial para muitos artistas de jazz. "What a Wonderful World", "Hello, Dolly", "When the Saints Go Marching In" e "Stardust" são somente algumas de suas canções memoráveis.

ÍCONES AMERICANOS



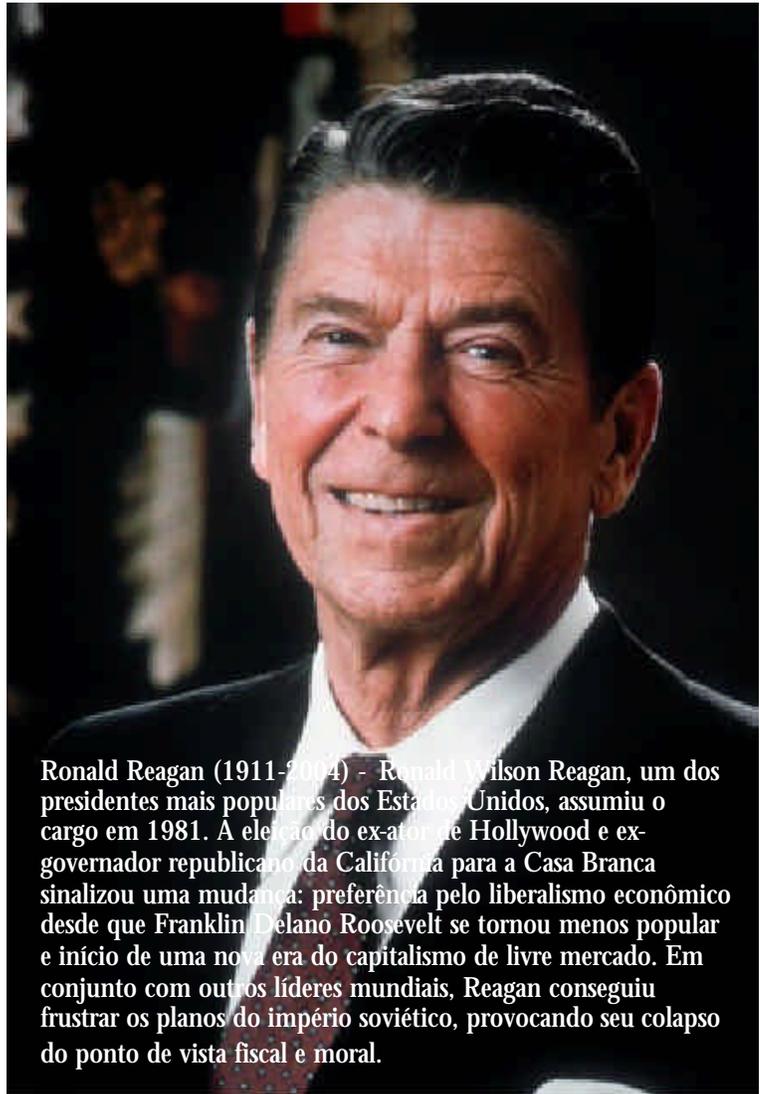
(© AP/WWP)

John Wayne (1907-79) - John Wayne foi o mais popular de uma longa série de caubóis de filmes de Hollywood que perpetuou o mito do vaqueiro heróico, criado no século 19 pelo show do Oeste Selvagem de Buffalo Bill. Wayne foi descoberto pelo diretor John Ford quando trabalhava como assistente de contra-regra e chegou ao estrelato no filme de faroeste de 1939 *No Tempo das Diligências*. Depois disso, Wayne se especializou em papéis lacônicos, de machão, em geral em filmes de faroeste elegíacos dirigidos por Ford ou Howard Hawks, bem como em filmes sobre a Segunda Guerra Mundial.



(© AP/WWP)

John Fitzgerald Kennedy (JFK) (1917-1963) - Em todo lugar, recorda-se com nostalgia os três anos de JFK como presidente dos Estados Unidos devido à sua liderança, suas realizações e sua elegância, inteligência e carisma. Ele inspirou milhões de pessoas antes de ser morto por uma bala assassina em Dallas, no Texas. Embora não tivesse recuado diante da ameaça dos mísseis soviéticos em Cuba em 1962, entrou em acordo com a União Soviética para desacelerar a corrida às armas nucleares. Seu legado inclui a Aliança para o Progresso e o Corpo da Paz.



(© AP/WWP)

Ronald Reagan (1911-2004) - Ronald Wilson Reagan, um dos presidentes mais populares dos Estados Unidos, assumiu o cargo em 1981. A eleição do ex-ator de Hollywood e ex-governador republicano da Califórnia para a Casa Branca sinalizou uma mudança: preferência pelo liberalismo econômico desde que Franklin Delano Roosevelt se tornou menos popular e início de uma nova era do capitalismo de livre mercado. Em conjunto com outros líderes mundiais, Reagan conseguiu frustrar os planos do império soviético, provocando seu colapso do ponto de vista fiscal e moral.

ÍCONES AMERICANOS

Jackie Robinson (1919-72) - Nascido na Geórgia em uma família de meeiros, Jack Roosevelt Robinson foi o primeiro afro-americano a jogar beisebol em liga profissional dos Estados Unidos. Seu feito foi reconhecido pela aposentadoria do número de seu uniforme, 42, das equipes das principais ligas de beisebol; o número não voltará jamais a ser atribuído a outro jogador. Em 1949, ele foi apontado como o melhor jogador do ano da Liga Nacional. Em 1962, entrou para o Hall da Fama do Beisebol.



(© AP/WWP)



(© AP/WWP)

Marilyn Monroe (1926-1962) - Mais de 40 anos após sua morte, Marilyn Monroe permanece como a personificação do glamour de Hollywood. Ela atingiu seu status icônico, contudo, não apenas por sua beleza cativante e curvas voluptuosas. Provou seu talento como atriz nos anos 1950 em comédias, tais como *Os Homens Preferem as Loiras* e *Quanto Mais Quente Melhor*. No ideário popular, mesmo seus problemas pessoais, inclusive os três casamentos fracassados, sugerem uma tragédia comovente que é muitas vezes o outro lado do estrelato de Hollywood.

César Chávez (1927-1993) - "Sí se puede" ("Pode ser feito") era o lema de Chávez, militante sindical mexicano-americano em sua luta para melhorar as terríveis condições dos trabalhadores rurais migrantes. Homem humilde, que nunca ganhou mais do que US\$ 6 mil por ano, Chávez usava métodos não violentos para alcançar seus objetivos, exatamente como Mahatma Gandhi e Martin Luther King Jr. Seus jejuns, boicotes e greves persuadiram os americanos de todos os tipos a apoiar seu sindicato dos Trabalhadores Rurais Unidos dos EUA e justiça social para os pobres.



(© AP/WWP)

ÍCONES AMERICANOS



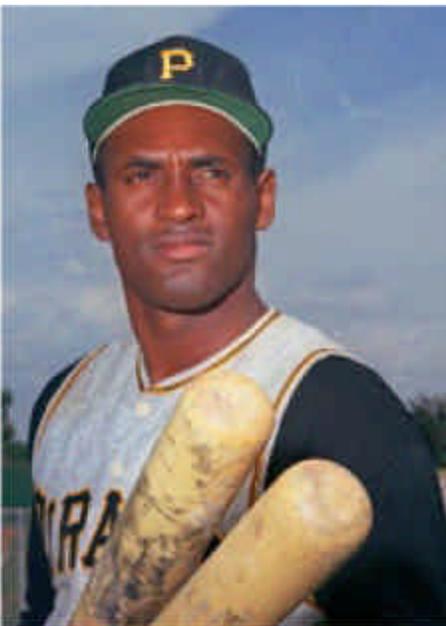
Martin Luther King Jr. (1929-1968) - King foi a força dominante no movimento americano de direitos civis (1957-1968). Filho de pastor e professora, era um líder não violento que estava por trás do boicote aos ônibus de Montgomery e será sempre reverenciado - entre outras realizações - pelo seu discurso "Eu tenho um sonho", na Marcha em Washington em 1963. Ele permanece como o mais jovem laureado do Prêmio Nobel da Paz. Foi abatido por uma bala assassina, mas seu legado — a garantia de que "todos os homens nascem iguais" – ainda permanece.

(© AP/WWP)

Toni Morrison (1931-) - Toni Morrison, cujo nome de batismo é Chloe Anthony Wofford, nasceu em Ohio e tem tido uma carreira brilhante como escritora, editora e professora. Ganhou vários prêmios por seus livros, entre eles o Prêmio Pulitzer em 1988 pelo romance *Amada* e o *Prêmio Nobel de Literatura* em 1994. Seus romances apresentam descrições bastante expressivas dos negros dos EUA, e ela usou ativamente sua influência para encorajar a publicação de outros escritores negros.



(© AP/WWP)

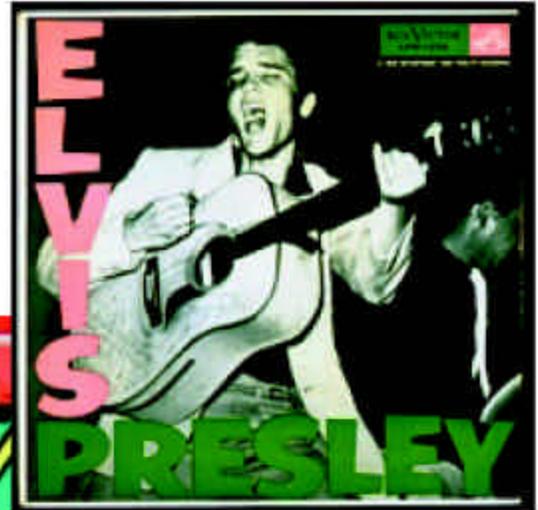


(© AP/WWP)

Roberto Clement (1934-1972) - Fãs nas Américas carinhosamente se lembram do porto-riquenho Clemente por feitos no beisebol e trabalho humanitário. Sua maior proeza foi levar os Pittsburgh Pirates à vitória no World Series em uma disputa de sete jogos contra o Baltimore Orioles em 1971, quando foi escolhido "O Melhor Jogador" do campeonato. Após morte trágica em um acidente de avião, quando levava suprimentos de emergência para vítimas do terremoto na Nicarágua, Clemente tornou-se o primeiro hispano-americano eleito para o Hall da Fama do Beisebol.

ÍCONES AMERICANOS

Elvis Presley (1935-1977) - Fenômeno da música nos anos de 1950 até sua morte, Presley popularizou o rock 'n' roll. É um dos artistas de maior vendagem de discos de todos os tempos. Caracterizado por um penteado "rabo de pato" e um estilo de cantar apaixonado e pessoal, Presley levou uma vida problemática e recheada de drogas. O presidente Jimmy Carter prestou-lhe homenagem após sua morte dizendo: "Sua música e personalidade, união dos estilos da nação branca com o ritmo dos negros e o blues, mudaram para sempre a face da cultura popular americana."



Super-homem (1938) - "É um pássaro. É um avião. É o Super-homem"! O maior super-herói de gibí, criado por Joe Shuster e Jerry Siegel, fez sua primeira aparição em 1938 na edição número 1 da Action Comics. Suas proezas entretiveram milhões no mundo todo pelo rádio, pela TV, em filmes e em videogames. Todos conhecem a história do Homem de Aço e seu *alter ego*, Clark Kent. Os poderes do Super-homem estão seguramente a serviço da "verdade, da justiça e do estilo americano" contra as forças do mal.



Muhammad Ali (1942-) — Ali derrotou Sonny Liston em 1964, tornando-se campeão mundial de boxe na categoria peso pesado. Quando abandonou o boxe, em 1981, a velocidade com que movimentava os pés tinha revolucionado o esporte. Mas Ali é

mais conhecido no mundo como uma personalidade franca de fortes convicções políticas. Quando se tornou campeão, converteu-se ao islamismo. Em 1967, no auge da Guerra do Vietnã, recusou-se a prestar o serviço militar no Exército dos EUA, foi processado e perdeu o título. Por fim, a Suprema Corte determinou que ele tinha o direito, por motivos religiosos, de não acatar o recrutamento.

ÍCONES AMERICANOS

Oprah Winfrey (1954-) — Criada em uma fazenda sem água encanada do Mississippi, Oprah Winfrey tornou-se provavelmente a pessoa mais influente da TV americana e uma das mulheres mais ricas do mundo. Aos 19 anos, tornou-se a primeira mulher negra a exercer a função de âncora de um noticiário de TV em Nashville no Tennessee. Em 1988, seu programa de entrevistas em Chicago passou a ser transmitido pela TV nacional, e desde então sua popularidade subiu vertiginosamente no mundo todo. Além disso, é produtora e editora de revista de sucesso.



Yo-Yo Ma (1955-) — O violoncelista sino-americano começou a ter aulas de música aos quatro anos em Paris, antes de se mudar para Nova York. Ele já se apresentou no mundo todo, fez mais de 50 álbuns e ganhou 15 prêmios Grammy da indústria fonográfica dos EUA. O repertório eclético de Ma, considerado um dos melhores solistas da atualidade, inclui desde as suítes para violoncelo de Bach e tangos argentinos até seu recente Projeto Silk Road, um esforço para iluminar a difusão multicultural da arte ao longo da antiga rota de comércio pela Ásia Central.

ÍCONES AMERICANOS



Mickey Mouse (1928-) - Um dos mais reconhecíveis astros do cinema, Mickey Mouse estreou na tela com o primeiro desenho sonoro, *Steamboat Willie* (Barco a Vapor Willie). O cartunista Walt Disney concebeu Mickey, o camundongo que lançou os alicerces de um império do entretenimento, em um trem que cruzava o país. As travessuras de Mickey caíram rapidamente no gosto popular em todo o mundo, em centenas de desenhos animados e no longa-metragem *Fantasia*. O irascível Pato Donald e o desastrado Pateta vieram depois, mas Mickey foi o primeiro de uma longa lista de personagens de Disney.

Tiger Woods (1975-) - Eldrick (Tiger) Woods, amplamente reconhecido como o maior jogador de golfe profissional dos últimos anos, é filho de um tenente-coronel do Exército dos EUA e sua mulher, uma tailandesa. Foi apelidado de Tiger quando criança, em homenagem

a um soldado vietnamita amigo de seu falecido pai. Woods disputou o primeiro torneio profissional aos 16 anos. Com sua segunda vitória no torneio Masters em 2001, tornou-se o primeiro golfista a vencer todos os quatro principais campeonatos profissionais ao mesmo tempo.

Steven Jobs (1955-) - O diretor executivo da Apple Computers e dos Estúdios de Animação Pixar cresceu na Califórnia e frequentou a faculdade por um breve período. Com seu amigo Steve Wozniak, ele fundou a Apple Computers em 1976. Em 1986, Jobs deixou a empresa e aventurou-se por conta própria, mas a Apple comprou sua nova firma em 1996. Com o sucesso do tocador de música portátil iPod da Apple e os grandes sucessos do cinema dos Estúdios Pixar, como *Toy Story*, está garantido seu lugar na história como empresário inovador.

Wynton Marsalis (1961-) - O mais famoso músico de jazz de sua geração, o trompetista Wynton Marsalis foi criado em New Orleans. Mudou-se para a Cidade de Nova York em 1978 para estudar na Escola de Música Juilliard e começou a fazer shows na cidade. Depois disso, fez turnês com o pequeno grupo embrionário do baterista Art Blakey. Atualmente, como diretor da Orquestra de Jazz do Lincoln Center, Marsalis viaja o mundo tocando e compondo. “Marsalis”, escreve o crítico Stanley Crouch, “ama de verdade comunicar a essência da música aos colegas músicos e a seu público”.



Michelle Kwan (1980-) - Talvez nenhuma outra patinadora artística seja mais conhecida do que a cinco vezes vencedora do World Figure Skating e nove vezes campeã nacional dos EUA, Michelle Kwan. Natural da Califórnia (seus pais são chineses de nascimento), Michelle pratica patinação desde os cinco anos de idade. Os saltos audaciosos e a graciosa maestria de Kwan em programas curtos e longos conquistaram fãs dedicados. No entanto, um título continua a lhe escapar: o de medalha de ouro olímpica. Embora possua medalhas de bronze e de prata, contusões forçaram-na a desistir dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2006.

MARCOS DA HISTÓRIA DOS EUA

1565 Fundação de St. Augustine (Flórida) - a cidade mais antiga do país



"Peregrinos indo à igreja", quadro pintado por George Broughton, em 1867, mostra cenas da vida dos primeiros colonizadores ingleses Galeria Nacional de Arte Americana/ AP/WWP

1607 Colonização de Jamestown (Virgínia)

1620 Os peregrinos desembarcam em Massachusetts (Pacto do Mayflower)

1775-83 Guerra da Independência

Declaração da Independência 1776

Os Artigos da Confederação 1777

Constituição 1788



Este quadro de Junius Brutus Stearns, de 1856, "George Washington discursando perante a Convenção Constitucional", retrata o momento de climax ao se aproximar o fim da convenção AP/WWP



Soldados de George Washington hasteiam a bandeira americana de 13 estrelas Arquivos da North Wind Picture/ © North Wind

1803 Compra da Louisiana

1812-14 Guerra de 1812



A compra da Louisiana dobrou de fato o tamanho dos Estados Unidos em 1803 Arquivos da North Wind Picture/ © North Wind

A Doutrina Monroe 1823

1846-48 Guerra com o México

1846 Aquisição da "Região do Oregon" até o paralelo 49 por tratado com a Grã-Bretanha

1861-65 Guerra Civil

1863 Proclamação da Emancipação

1865-77 Reconstrução

1898 Guerra Hispano-Americana

1917-18 Primeira Guerra Mundial

1919 Sufrágio Feminino



Buscando apoio à ratificação da 19a Emenda, diretoras do Partido Nacional das Mulheres seguraram uma faixa com dizeres de Susan B. Anthony AP/WWP

MARCOS DA HISTÓRIA DOS EUA

1929-40 A Grande Depressão

Soldados americanos desembarcam na costa da Normandia no Dia D, 6 de junho de 1944
Exército dos EUA/
AP/WWP



1941-45 Segunda Guerra Mundial

1947 Início da Guerra Fria; a Doutrina Truman

1948 O Plano Marshall

1950-53 Guerra da Coréia

Brown vs. Conselho de Educação 1954

Crise dos Mísseis Cubanos 1962

Marcha em Washington 1963

Martin Luther King (terceiro a partir da esquerda) durante a Marcha em Washington, em 28 de agosto de 1963
AP/WWP



Alunos negros e brancos do ensino médio estudam juntos em Clinton, Tennessee, em 1964 AP/WWP

1965-73 Guerra do Vietnã



Soldados americanos no Vietnã, em 1965
AP/WWP

O astronauta Neil Armstrong, o primeiro homem a caminhar na lua, tirou esta foto de seu colega Edwin "Buzz" Aldrin durante o passeio deles pela lua em 20 de julho de 1969
Nasa/ AP/WWP



1969 Primeiro homem na lua

1989 Fim da Guerra Fria

O presidente americano, Ronald Reagan, e o chanceler alemão, Helmut Kohl, (à direita) no Portão de Brandemburgo, em Berlim Ocidental, Alemanha, em 12 de junho de 1987 AP/WWP



2001 Atentados terroristas do 11 de Setembro nos Estados Unidos

UM BREVE PASSEIO PELOS ESTADOS UNIDOS

Embora muitos aspectos da vida americana sejam similares nos 50 estados, observar as diferenças regionais pode revelar algumas das complexidades do nosso imenso país. Richard Huckaby, funcionário do Serviço de Relações Exteriores que coordena as revistas eletrônicas do Departamento de Estado, apresenta uma visão das características das regiões e de suas diferenças. Este artigo foi extraído de apresentações feitas por Huckaby na França, na Coréia do Sul e em Kosovo.

Há quem acredite que já não é mais adequado falar sobre diferenças regionais nos Estados Unidos — que todos os americanos foram amalgamados em uma cultura “monolítica” caracterizada por uma forma única de pensar, comer e falar. Certamente é verdade que há poucos lugares nos Estados Unidos onde não se possa comer no McDonald’s, no Burger King ou na Pizza Hut. Praticamente, em qualquer lugar que se viva pode-se fazer compras no Wal-Mart, no The Gap ou no Foot Locker em centros comerciais pouco diferentes um dos outros. Quase todas as pessoas têm acesso aos mesmos programas de TV e aos mesmos filmes e ouvem a mesma música para o mercado de massa. Mas isso significa que diferenças regionais são mais mito do que realidade? A meu ver, não.

CULTURAS LOCAIS PERSISTENTES



Cortesia: Engarrafadores Blenheim

Ginger ale Blenheim

Primeiro, vamos falar sobre comida. Muitos alimentos são padrão no país todo, é verdade. Uma pessoa pode comprar as mesmas marcas de pizza congelada em qualquer lugar dos Estados Unidos. Cereais, doces em barra e muitos outros itens são encontrados em embalagens idênticas, do Alaska até a Flórida. De modo geral, a variedade e a qualidade das frutas frescas e das hortaliças mudam pouco de um estado para outro. Por outro lado, não seria usual servirem *hush puppies* (um tipo de broa de milho frita) ou *grits* (quirera de milho cozida preparada de várias maneiras) em Massachusetts ou Illinois, mas seria comum encontrar esse tipo de comida na Geórgia ou em outras partes do Sul. Enquanto coca-cola, pepsi e seven-up estão disponíveis em todos os lugares, é impossível encontrar *ginger ale* Blenheim fora da Carolina do Sul. A pizza de Chicago (pizza de massa grossa com borda alta) é muito diferente da pizza de Nova York. Já comi carne de crocodilo frita, bem passada, em Nova Orleans, mas nunca encontrei esse prato em nenhum outro lugar do país. Em todos os lugares as pessoas comem comida típica mexicana no Taco Bell, mas a comida do Tex-Mex no Texas é bastante diferente dos outros tipos da chamada comida mexicana. Além disso, muitas regiões têm seu cachorro-quente especial.

Cresci nas colinas ocidentais da Carolina do Sul. Em casa, todas as refeições tinham algum tipo de batata e de pão. Quando terminei a faculdade, meu primeiro emprego foi na região costeira da Carolina do Sul. Eu ficava muito surpreso porque em quase todas as refeições tinha algum tipo de arroz. Também descobri que o arroz era preparado de um jeito totalmente diferente – cozido no vapor, e não só na água. Mais tarde, quando me mudei para a região de Pee Dee no nordeste da Carolina do Sul, ouvi pela primeira vez falar em *chicken bog* prato em que pequenos pedaços de frango e pimenta-do-reino levemente moída são cozidos com arroz. Assim, vejam, sem dúvida ainda há diferenças regionais na comida – não só entre as regiões, mas até dentro de um estado pequeno.

Outra diferença é o idioma. Embora o inglês americano de modo geral seja padrão, o inglês falado frequentemente difere segundo a parte do país em que se está. As pessoas do Sul tendem a falar de forma mais lenta, conhecida como “fala arrastada do Sul”. As pessoas do Meio Oeste pronunciam os a’s “breves”, e os dialetos da cidade de Nova York têm várias palavras iídiches por causa da grande população judaica da cidade — palavras como “schlepp” (arrastar ou puxar) ou “nosh” (lanche). Os nativos de Boston ou do Bronx são logo identificados pelo forte sotaque, e certamente você já ouviu falar sobre a “linguagem do Vale”, um tipo de gíria de adolescentes do sul da Califórnia. A influência dos imigrantes também é notória em



Cortesia: UNO Chicago Grill

Tradicional pizza de Chicago

nomes de lugares e em certas palavras usadas em regiões com forte concentração de determinado grupo étnico. Exemplos disso são: Condado de Lafayette, Wisconsin; Baton Rouge, Louisiana; Wounded Knee, Dakota do Sul; e Santa Cruz, Califórnia.

O vocabulário também é diferente de região para região. Certa vez, quando estava na pós-graduação, comentei que um dos “olhos” do meu fogão não estava funcionando direito e meus colegas de outras partes do país não entenderam que eu me referia ao que eles chamam de queimador. A linguagem do Oeste inclui várias palavras de origem espanhola (muitas das quais se espalharam pelo país), e há lugares do Meio Oeste e da Pensilvânia onde muitas palavras alemãs ainda são usadas. Quem assistiu ao filme *A Testemunha*, de 1985, viu um exemplo disso.

Diferenças regionais também se fazem conhecidas de formas menos palpáveis, por meio de posturas e pontos de vista. Um exemplo é a atenção dada pelos jornais aos eventos do exterior. No Leste, onde as pessoas observam o que se passa olhando para

além do Oceano Atlântico, alguns jornais tendem a mostrar mais preocupação com o que acontece na Europa, no Oriente Médio e na África. Na costa oeste, o foco é freqüentemente voltado para eventos do Leste Asiático e da Austrália.

Os americanos compartilham muitas características, entre as quais a convicção da importância da privacidade, individualismo e independência pessoal. Entretanto, muitos americanos também se sentem imbuídos de determinadas peculiaridades relacionadas com suas regiões, como a autoconfiança da Nova Inglaterra, a hospitalidade do Sul, a integridade do Meio Oeste e a delicadeza do Oeste.

As seções a seguir discorrem sobre algumas das características geográficas e das influências históricas, como os modelos de colonização, que contribuíram para essas diferenças regionais.

Entretanto, antes de se concentrar nas regiões dos Estados Unidos, é importante ter noção de alguns aspectos do país como um todo. Os Estados Unidos são o terceiro maior país em extensão de terra, atrás de Rússia e Canadá. Em população, são o terceiro mais populoso – neste caso atrás de China e Índia. Para se ter uma idéia da extensão do país, leva-se aproximadamente cinco dias para atravessar os Estados Unidos continental. Isso sem contar o Hawai e o Alaska, que é o maior estado.

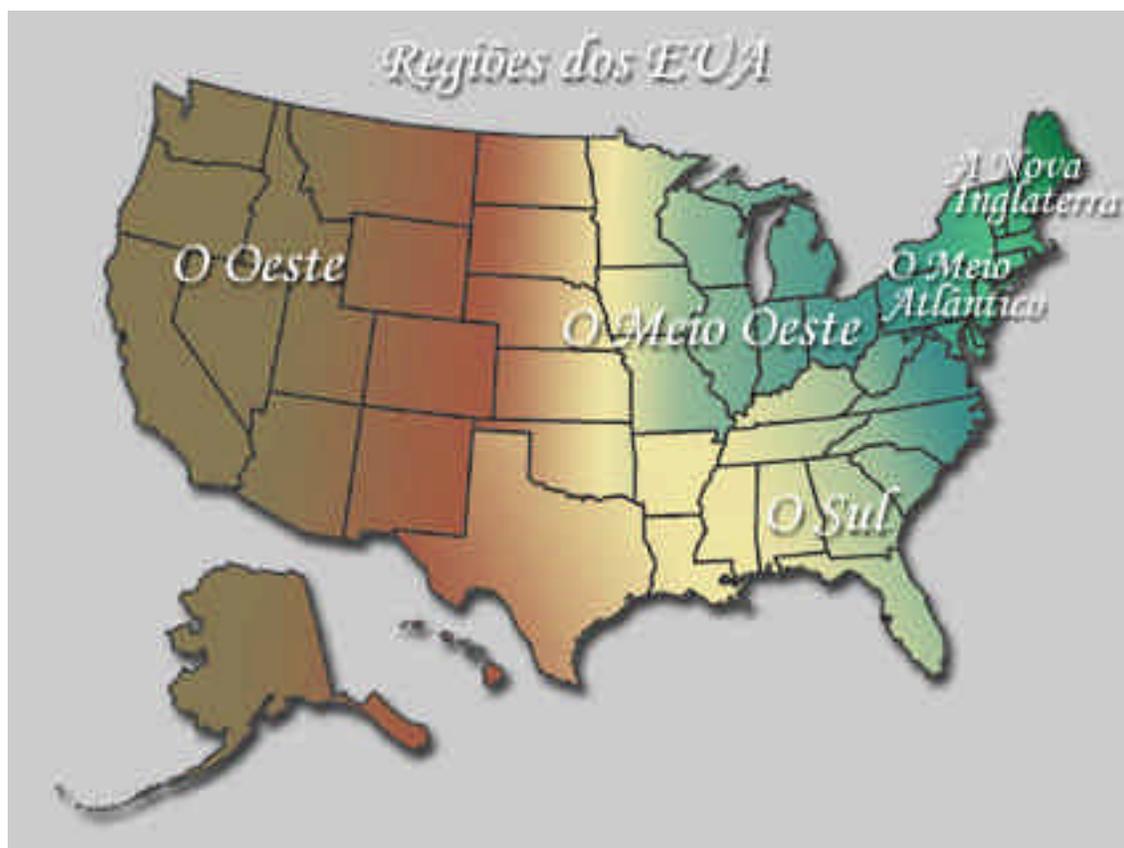


(© AP/WWP)

Um prato de *fideo con pollo* inclui porções de arroz, feijão carioquinha refrito, alface, tomate e cebola. Refeição típica do Tex-Mex

REGIÕES

Há muitas formas possíveis de dividir o país em regiões. Neste artigo, usamos um agrupamento básico e tradicional: a Nova Inglaterra, os estados do Meio Atlântico, o Sul, o Meio Oeste e o Oeste. Lembre-se que essas não são denominações oficiais. Elas estão longe de ser absolutas, e as características muitas vezes se misturam de uma região para outra como mostra o mapa. As listas de itens como cidades e figuras literárias não estão de maneira alguma completas e tiveram como objetivo apenas oferecer uma introdução. A relação de recursos da internet, no final da revista, possibilita acesso a informações mais detalhadas.



A NOVA INGLATERRA



Maine, New Hampshire, Vermont, Massachusetts, Connecticut, Rhode Island

Cidades principais: Boston, em Massachusetts; Hartford, em Connecticut; Providence, em Rhode Island

Literatura: Henry David Thoreau, Ralph Waldo Emerson, Nathaniel Hawthorne, Emily Dickinson, Harriet Beecher Stowe, Sylvia Plath, Robert Frost, Richard Russo, Russell Banks



(AP/WWP)

Folhas de bordo começam a adquirir as cores do outono próximo à Velha Casa de Reuniões em East Montpelier, em Vermont

A pesar de ser a menor região em termos geográficos e de não ter sido abençoada com grandes extensões de terras cultiváveis ou com clima ameno, a Nova Inglaterra teve papel predominante no desenvolvimento americano. Do século 17 até boa parte do século 19, essa região foi o centro econômico e cultural do país.

Os primeiros colonizadores europeus da Nova Inglaterra eram ingleses protestantes e conservadores, muitos dos quais vieram em busca de liberdade religiosa. Eles deram à região seu formato político singular – a reunião de municípes (nos moldes das reuniões realizadas antigamente pelos paroquianos mais velhos), na qual os cidadãos se encontravam para discutir os assuntos do dia. Embora só os homens que possuíam propriedades pudessem votar, as reuniões de municípes permitiram aos moradores da Nova Inglaterra um alto grau de participação no governo, o que era raro na época. Essas reuniões ainda funcionam em muitas comunidades do estado e agora, evidentemente, contam com a participação das mulheres.

Os habitantes da Nova Inglaterra tiveram dificuldade para cultivar a terra em grandes lotes, como era comum no Sul do país. Por volta de 1750, portanto, muitos colonizadores voltaram-se para outras atividades. A construção naval, a pesca e o comércio tornaram-se os esteios da região. Em suas atividades comerciais, os moradores da Nova Inglaterra ganharam reputação de pessoas sagazes, econômicas, engenhosas e de serem trabalhadores dedicados. Essas características foram úteis durante a Revolução Industrial que atingiu os Estados Unidos na primeira metade do século 19. Em Massachusetts, Connecticut e Rhode Island, por exemplo, surgiram novas indústrias para fabricação de produtos como roupas, rifles e relógios. A maior parte do dinheiro para gerir essas empresas veio de Boston, o centro financeiro da nação.



(AP/WWP)

Estudantes passeiam pelo gramado da Faculdade de Dartmouth em Hanover, New Hampshire. Dartmouth, fundada em 1769, é uma faculdade privada de artes liberais e faz parte da prestigiosa Ivy League

Uma importante obra literária histórica desta região é *Walden, ou a Vida nos Bosques*, de Thoreau. A Nova Inglaterra também foi lar dos poetas Emily Dickinson e Robert Frost, assim como de Harriet Beecher Stowe, cujo romance *A Cabana do Pai Tomás* é considerado a obra que deu ímpeto ao movimento abolicionista.

Recentemente, essa região populosa perdeu a maioria de suas indústrias para outros estados ou países onde a produção é mais barata. A economia regional, no entanto, recuperou-se com o crescimento das indústrias de microeletrônica, informática e biotecnologia. Educação, alta tecnologia, serviços financeiros, turismo e medicina continuam a impulsionar a economia local.

A Nova Inglaterra sempre teve uma vida cultural vibrante, com instituições como a Orquestra Sinfônica de Boston e o Museu de Belas Artes. A educação é um dos legados mais importantes da região. Seu conjunto de universidades e faculdades de primeira qualidade é incomparável ao de qualquer outra região. Entre essas grandes escolas destacam-se Harvard, Yale, Brown, Dartmouth, Wellesley, Smith, Mt. Holyoke, Williams, Amherst e Wesleyan, para mencionar algumas.



(AP/WWP)

Farol norte da Ilha Block, localizada em New Shoreham, Rhode Island. A região tornou-se um paraíso turístico visitado por dezenas de milhares de pessoas por ano



(AP/WWP)

A Boot Mills em Lowell, Massachusetts, produzia cerca de 99.500 quilômetros de tecido por ano durante seu esplendor industrial. Atualmente o prédio abriga um museu



(AP/WWP)

O lojista Peter Wash segura uma lagosta que acabou de apanhar em seu tanque em Scarborough, no Maine. As lagostas do Maine são famosas no mundo inteiro

Quando alguns dos colonizadores originais da Nova Inglaterra se mudaram para o Oeste, chegaram à região imigrantes do Canadá, da Irlanda e do Leste Europeu. Apesar dessa mudança na população, muito do espírito original da Nova Inglaterra permanece. Isso pode ser observado nas casas de madeira simples e nas torres brancas das igrejas que caracterizam muitas das cidades pequenas, assim como nos tradicionais faróis que salpicam a costa do Atlântico.

A Nova Inglaterra tem em seu cardápio alguns pratos famosos, como ensopado de vôngoles, lagostas do Maine, xarope de bordo de Vermont, peru, feijão assado de Boston e a torta de creme de Boston.

O MEIO ATLÂNTICO



Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Delaware e Maryland

Cidades principais: Nova York, em Nova York; Filadélfia, na Pensilvânia; Baltimore, em Maryland

Literatura: Washington Irving, Edgar Allan Poe, Walt Whitman, Gertrude Stein, J.D. Salinger, Bernard Malamud, Anne Tyler, August Wilson



(AP/WWP)

O veleiro Niágara de dois mastros do Eire, Pensilvânia, passa pela Estátua da Liberdade no porto de Nova York

Se a Nova Inglaterra forneceu os cérebros e os dólares para a expansão americana no século 19, os estados do Meio Atlântico forneceram os músculos. Os maiores estados da região, Nova York e Pensilvânia, tornaram-se centros da indústria pesada com a produção de ferro, vidro e aço.

A colonização da região do Meio Atlântico, em comparação com a da Nova Inglaterra, contou com mais pessoas de uma gama maior de nacionalidades. Imigrantes holandeses colonizaram a parte baixa do Vale do Rio Hudson no que hoje é o estado de Nova York. Os suecos foram para Delaware. Os ingleses católicos fundaram Maryland, e um grupo de ingleses protestantes, os chamados Amigos (Quakers), estabeleceram-se na Pensilvânia. Com o tempo, todos esses assentamentos caíram sob controle da Inglaterra, mas a região continuou a atrair pessoas de diversas nacionalidades, inclusive uma grande comunidade alemã.

Os primeiros colonizadores eram na maioria agricultores e comerciantes, e a

região serviu de ponte entre o Norte e o Sul. Filadélfia, localizada entre a Nova



(AP/WWP)

Tráfego em Times Square, em Nova York, um dos cruzamentos mais famosos do mundo



(AP/WWP)

O barqueiro Joe Stone escolhe ostras em seu barco enquanto pesca com rede no Rio Patuxent em Solomons, Maryland

Inglaterra e as colônias do Sul, abrigou o Congresso Continental, a convenção de delegados das colônias originais que organizaram a Revolução Americana. Essa mesma cidade foi berço da Declaração da Independência em 1776 e da Constituição dos EUA em 1787. A cidade de Nova York e Filadélfia foram as duas primeiras capitais dos Estados Unidos.

A importância histórica da região é comprovada pela localização da Academia Militar dos Estados Unidos em West Point, Nova York, e da Academia Naval em Annapolis, Maryland. E também a ilha Ellis, no porto de Nova York, foi o ponto de entrada de milhões de imigrantes no início do século 20.



(AP/WWP)

Annapolis, em Maryland, é a capital do estado e abriga a Academia Naval dos Estados Unidos. A mansão do governador é vista embaixo, à direita, e a Igreja Episcopal de St. Anne, fundada em 1692, à esquerda. O prédio atual foi terminado em 1859



(AP/WWP)

O Museu de Arte de Filadélfia, na Pensilvânia, destaca-se acima do sistema de abastecimento de água Fairmont ao longo do rio Schuylkill. Construído em 1812 como estação de água para abastecer os moradores da cidade, o complexo é agora um marco histórico restaurado e aberto aos turistas

Com a indústria pesada se espalhando pela região, rios como o Hudson e o Delaware transformaram-se em importantes rotas de navios. As cidades à margem das hidrovias – Nova York, no Hudson, Filadélfia, no Delaware, e Baltimore, na Baía Chesapeake – cresceram de forma extraordinária. Nova York ainda é a maior cidade do país e seu centro financeiro e cultural.

Entre as inúmeras instituições culturais de Nova York estão a Metropolitan Opera, a Ópera da Cidade de Nova York, o Balé da Cidade de Nova York, o Museu de Arte Metropolitano e o Museu Guggenheim. Entre as grandes figuras literárias da região destacam-se, entre outras, o contista e poeta Edgar Allan Poe, o poeta Walt Whitman, o dramaturgo Arthur Miller e os romancistas contemporâneos John Updike e Philip Roth.

Assim como aconteceu na Nova Inglaterra, a região do Meio Atlântico viu a maior parte de sua indústria pesada ser transferida para outros locais. Outras indústrias, como a de produtos farmacêuticos e a de comunicações, assim como o setor de serviços, tomaram o lugar.

A culinária regional inclui o ensopado de vôngoles de Manhattan, caranguejos de Maryland, sanduíches de filé com queijo de Philly, torta de galinha de panela, cidra de maçã, *bagels* de Nova York e *cheesecake* ao estilo nova-yorquino.

O SUL



Virgínia, Virgínia Ocidental, Kentucky, Tennessee, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia, Flórida, Alabama, Mississippi, Arkansas, Louisiana e Texas

Cidades principais: Atlanta, Geórgia; Nova Orleans, Louisiana; Charlotte, Carolina do Norte; Miami, Flórida; Nashville, Tennessee; Houston, Texas

Literatura: William Faulkner, Thomas Wolfe, Robert Penn Warren, Margaret Mitchell, Tennessee Williams, Truman Capote, Flannery O'Connor, Alice Walker



(AP/WWP)

O capitólio do estado do Tennessee está localizado no centro de Nashville, fundada em 1779 por colonos da Carolina do Norte

Assim como na Nova Inglaterra, o Sul foi colonizado primeiramente por protestantes ingleses. Houve também uma afluência de huguenotes franceses, em especial para a Carolina do Sul e, naturalmente, a presença de muitos colonos franceses na Louisiana. Mas, enquanto os habitantes da Nova Inglaterra tendiam a ressaltar suas diferenças com relação ao país de origem, os sulistas tendiam a imitar os ingleses. Mesmo assim, os sulistas se destacaram entre os líderes da Revolução Americana, e quatro dos cinco primeiros presidentes dos EUA eram originários da Virgínia.



(Cortesia: Autoridade de Desenvolvimento do Mississippi/Divisão de Turismo)

Stanton Hall, perto de Natchez, no Mississippi, é um exemplo das centenas de casas de propriedades rurais remanescentes do Velho Sul, símbolos de um modo de vida idealizado no romance 'E o Vento Levou'



(AP/WWP)

A Storyville Stompers Brass Band se apresenta do lado de fora do K-Paul's Louisiana Kitchen no Bairro Francês em Nova Orleans, na Louisiana, em outubro de 2005, em meio a sinais de recuperação após a devastação causada pelo furacão Katrina



(AP/WWP)

Artistas do Penny Pavilion ocupam o palco durante as cerimônias de abertura do Festival Spoleto 2004 dos EUA, em Charleston, na Carolina do Sul

Ao contrário dos estados rochosos da Nova Inglaterra e dos vales férteis do Meio Atlântico, onde floresceram propriedades rurais familiares, os estados do Sul dependiam profundamente da agricultura organizada em grandes propriedades rurais ou fazendas. Essas propriedades produziam culturas - que exigiam uso intensivo de mão-de-obra, como o algodão e o tabaco -, para mercados do Norte e do outro lado do Atlântico. Para suprir essa necessidade, os donos das fazendas dependiam de escravos trazidos da África. Mas a escravidão tornou-se uma questão controversa, dividindo o Norte e o Sul. Para os habitantes do Norte isso era imoral; para os do Sul, algo essencial a seu modo de vida. Em 1861, onze estados do Sul abandonaram a União, com a intenção de formar uma nação à parte, os Estados Confederados da América. Essa secessão levou à Guerra Civil, à derrota dos Confederados e ao fim da escravidão. As cicatrizes deixadas pela guerra levaram muitas décadas para serem curadas.



(AP/WWP)

Parte da silhueta de Atlanta, na Geórgia, por trás do Parque do Centenário Olímpico, vista do alto do Centro da CNN

Com o passar do tempo, contudo, os sulistas superaram essas divergências, e no século 20 um novo orgulho regional surgiu sob a bandeira do “Novo Sul”. Mais uma vez o Sul passou a ter influência sobre a política nacional: desde 1976, o único presidente que não veio do Sul foi Ronald Reagan. Jimmy Carter é da Geórgia. George Bush e seu filho, George W., são há muito tempo residentes do Texas, e Bill Clinton é originário de Arkansas. Além disso, o Sul atrai eventos internacionais, como o Festival Spoleto anual em Charleston, na Carolina do Sul, e os Jogos Olímpicos de Verão 1996 em Atlanta, na Geórgia.

Atualmente o Sul transformou-se em uma região rica em fábricas, bancos e transportes. Arranha-céus dominam o horizonte das cidades em toda a região. Devido a seu clima ameno, o Sul tornou-se uma atração para aposentados de outras áreas dos EUA e do Canadá. Seja por serem aposentados, seja por estarem buscando boa qualidade de vida, os recém-chegados a esses estados do “cinturão do sol” encontram uma moderna combinação de oportunidades de negócios e o estilo e a essência tradicionais do Sul.

A riqueza literária do Sul é lendária, especialmente no século 20, incluindo-se aí os romances de William Faulkner sobre a vida no Mississippi, as peças de Tennessee Williams e os contos de Flannery O’Connor.

Entre as comidas regionais estão frango frito, grits, churrasco sulinos e a cozinha francesa e crioula da Louisiana.

O MEIO OESTE



Ohio, Michigan, Indiana, Wisconsin, Illinois, Minnesota, Iowa, Dakota do Norte, Dakota do Sul, Kansas, Nebraska, Missouri e Oklahoma

Cidades principais: Cleveland, Ohio; Detroit, Michigan; Chicago, Illinois; Minneapolis/St. Paul, Minnesota; St. Louis, Missouri

Literatura: Mark Twain, Carl Sandburg, Ernest Hemingway, Toni Morrison, Maya Angelou, Langston Hughes, Sinclair Lewis, Jane Smiley, Jonathan Franzen



(AP/WWP)

Vista da silhueta de Chicago, Illinois, o centro do Meio Oeste, mostrando o Campo do Soldado (em baixo à direita), que abriga o Chicago Bears, time profissional de futebol americano



(AP/WWP)

Esta rua em Hannibal, no Missouri, foi imortalizada por Mark Twain nas aventuras de Tom Sawyer

O Meio Oeste é um cruzamento de culturas. No início dos anos 1800, os habitantes do Leste mudaram-se para o Meio Oeste em busca de terras mais férteis, e pouco depois os europeus cruzaram a costa leste e migraram diretamente para o interior. Nos últimos anos, a população de imigrantes continuou a crescer e a se diversificar. Há também uma grande população de americanos nativos. O solo fértil da região permitiu aos agricultores a produção de colheitas abundantes de cereais como o trigo e o milho. A região logo ficou conhecida como “celeiro” da nação. A maior parte do Meio Oeste está em terreno plano e fértil, qualidade que possibilitaram a criação de enormes extensões de campos de trigo. O rio Mississippi tornou-se uma via de comunicação regional importantíssima, transportando os colonizadores



(AP/WWP)

A Fazenda Ingalls perto de De Smet, em Dakota do Sul, apresenta a paisagem arquetípica do Meio Oeste com seus campos de trigo, currais e a casa da fazenda



(AP/WWP)

Trem de bitola estreita chega em Lake Street/estação Midway em Minneapolis, Minnesota

para suas novas casas e alimentos para o mercado. O rio inspirou dois clássicos da literatura americana, *Vida no Mississippi* e *As Aventuras de Huckleberry Finn*, ambos escritos por um natural do Missouri, Samuel Clemens, que adotou o pseudônimo Mark Twain. Entre outros nomes da literatura do Meio Oeste destacam-se os romancistas Ernest Hemingway e Toni Morrison, os poetas Carl Sandburg, Langston Hughes e Maya Angelou, além do primeiro americano a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura: Sinclair Lewis.

Os habitantes do Meio Oeste são reconhecidos por sua natureza extrovertida, cordial e franca. O centro da região é Chicago, em Illinois, a terceira maior cidade do país. Esse importante porto dos Grandes Lagos é ponto de ligação de ferrovias e tráfego aéreo com os locais mais distantes do país e do mundo. Em seu centro eleva-se a Torre da Sears, um dos prédios mais altos do mundo, com 447 metros de altura. A região tem outras cidades dignas de nota, mas

talvez ela seja mais conhecida pelas características peculiares de suas pequenas cidades. O Meio Oeste é às vezes chamado de região central dos Estados Unidos.

A culinária local inclui a pizza “ao estilo de Chicago” e muitos pratos das cozinhas alemã, escandinava e do Leste Europeu que refletem o legado da região.

O OESTE



Novo México, Arizona, Colorado, Wyoming, Montana, Utah, Califórnia, Nevada, Idaho, Oregon, Washington, Alasca e Havai

Cidades principais: Los Angeles, Califórnia; São Francisco, Califórnia; Denver, Colorado; Las Vegas, Nevada; Phoenix, Arizona; Albuquerque, Novo México; Santa Fé, Novo México; Seattle, Washington; Honolulu, Havai

Literatura: John Steinbeck, Raymond Carver, James Welch, Wallace Stegner, Cormac McCarthy, Leslie Marmon Silko, Raymond Carver



(AP/WWP)

A Missão de San Xavier del Bac perto de Tucson, no Arizona, foi construída em 1797

Os americanos sempre consideraram o Oeste como a última fronteira, mas a história da colonização da Califórnia é mais antiga do que a da maioria dos estados do Meio Oeste. Padres espanhóis fundaram missões ao longo da costa da Califórnia alguns anos antes da deflagração da Revolução Americana. No século 19, a Califórnia e o Oregon entraram para a União antes de muitos estados a leste.

O Oeste é uma região de lindas paisagens em grande escala, desde florestas exuberantes na porção norte até vastos desertos na parte sul. O magnífico Grande



(AP/WWP)

Um duplo arco-íris se forma no Ponto Hopi após chuva no Parque Nacional do Grande Canyon, no Arizona



(AP/WWP)

O Monte McKinley visto de Talkeetna, no Alasca, onde os alpinistas sobem em pequenos aviões em direção à Geleira Kahiltna, para iniciar as escaladas no pico mais alto da América do Norte



(AP/WWP)

A metropolitana Denver, no Colorado, chamada de 'Mile High City' (cidade a uma milha de altitude) e fundada em 1858, tem atualmente mais de 2 milhões de habitantes. Seus setores mais importantes são comunicações, empresas de serviços públicos e transportes

Canyon está localizado no Arizona. O Vale do Monumento, lindo e perfeito pano de fundo de muitos filmes de faroeste, está localizado em Utah e no Arizona dentro da Reserva Navajo, morada da tribo mais



(AP/WWP)

Esta vista da linha do horizonte de Seattle, no estado de Washington, mostra o Obelisco Espacial (à esquerda), construído para a Feira Mundial de Seattle 1962



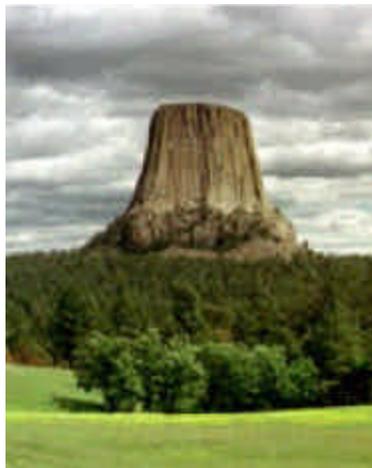
(AP/WWP)

Com quase 1,5 milhão de habitantes, Phoenix, no Arizona, é a quinta maior cidade dos Estados Unidos. Tem em média 325 dias de sol por ano



(AP/WWP)

O famoso cartaz com a palavra 'Hollywood' está localizado em uma colina de frente para a intersecção dos bulevares Gower e Hollywood



(AP/WWP)

A Torre do Diabo, vista em 'Contatos Imediatos do Terceiro Grau', está localizada no estado do Wyoming

populosa dos índios americanos. Há também muitas outras reservas indígenas, inclusive as tribos dos hopis, dos zunis, dos pueblos e dos apaches.

Algumas das outras paisagens famosas na região são a Torre do Diabo no Wyoming (que se pode ver no filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*) e a Ponte do Arco-Íris em Utah, a maior ponte natural do mundo.

Em boa parte do Oeste, a população é esparsa, e o governo federal possui e administra milhões de hectares de terra não cultivada em grandes parques nacionais, como Yosemite, Yellowstone, Sequóia e Vale da Morte. Os americanos usam essas áreas para atividades recreativas

e comerciais, como pescarias, acampamentos, caminhadas, passeios de barco, pastoreio, exploração de madeira e mineração.

Partes da área sul do Oeste já pertenceram ao México. Os Estados Unidos conseguiram essas terras após a Guerra México-EUA de 1846-48. Sua área continua a sofrer grande influência da herança mexicana e tem grande população de americanos descendentes de mexicanos.

Hoje a segunda maior cidade do país, Los Angeles é mais conhecida por abrigar a indústria cinematográfica de Hollywood. Devido ao crescimento de Los Angeles e da área do "Vale do Silício", perto de San José, a



(AP/WWP)

A barragem Hoover perto de Boulder City, no Colorado, tem 221 metros de altura e 379 metros de comprimento no rio Colorado entre os estados de Nevada e do Arizona. Assim batizada em homenagem ao presidente Herbert Hoover, é importante fornecedora de energia hidroelétrica e irriga mais de 425 mil hectares nos Estados Unidos e no México

selvagem. O Havai é o único estado da União no qual o número de americanos de origem asiática ultrapassa o dos residentes de ascendência europeia. Desde 1980, muitos asiáticos também se estabeleceram na Califórnia, principalmente ao redor de Los Angeles.

Os habitantes do Oeste são conhecidos por sua tolerância. Talvez devido ao fato de que muitos habitantes do Oeste tenham se mudado para lá vindos de outras regiões para começar nova vida, resultando em uma mistura de culturas, as relações interpessoais são com frequência caracterizadas por atitude de viver e deixar viver. A economia do Oeste é variada. A Califórnia, por exemplo, é um estado ao mesmo tempo dedicado à agricultura e à indústria de alta tecnologia.



(AP/WWP)

Jovens dançarinos de hula-hula apresentam-se para turistas na praia de Waikiki, no Havai

Califórnia tornou-se o estado mais populoso dos EUA. A população regional está crescendo rapidamente, com o Arizona em particular rivalizando com os estados sulistas quanto ao destino de aposentados em busca de um clima ameno. Las Vegas, em Nevada, é um dos mais famosos centros de jogos de azar do mundo.

Em uma região com constante escassez de água, as represas do Colorado e de outros rios e aquedutos como os do Projeto do Arizona Central permitiram que cidades anteriormente pequenas como Phoenix, no Arizona, e Albuquerque, no Novo México, progredissem, tornando-se metrópoles. Santa Fé e Taos, no Novo México, são famosos centros de arte, com destaque para pintura, escultura e ópera. A água trazida de longe também possibilitou grande variedade de culturas agrícolas, diversificando a economia da região.

O Alasca, o estado mais ao norte da União, é uma terra vasta com população escassa, porém corajosa, e grandes extensões desertas, protegidas por parques nacionais e refúgios da vida



(AP/WWP)

Membros da Companhia de Ópera Santa Fé em Santa Fé, no Novo México, ensaiam 'A Sonâmbula' de Bellini

Os escritores mais conhecidos do Oeste são John Steinbeck, cujo livro mais famoso é *As Vinhas da Ira*, e Zane Grey, que nasceu em Ohio e se mudou para a Califórnia. Seus romances, como *Cavaleiros do Crepúsculo*, apresentavam uma versão idealizada do Velho Oeste.

A comida do Oeste é caracterizada por tremenda variedade devido à diversidade das culinárias de sua população — mexicana, latino-americana de outras origens e asiática. E, naturalmente, há ainda o famoso local Fisherman's Wharf em São Francisco, Califórnia.

MUITOS AMERICANOS, UM SÓ PAÍS

Como vimos logo no início, os Estados Unidos são um grande país. A diversidade geográfica é evidente – praias rochosas na Nova Inglaterra e no noroeste; praias arenosas na costa sudeste, na Califórnia e no Havaí; cadeias de montanhas próximas das duas costas; vastas planícies no centro do país; desertos enormes no sudoeste; tundra congelada no Alasca; e ilhas vulcânicas no Havaí. Cada região possui características especiais, tanto pela geografia como pela sua colonização por povos diferentes e sob diferentes condições, por mais de quatro séculos.

É importante lembrar que, embora o país seja imenso e as regiões diversas, há mais similaridades do que diferenças entre as pessoas que se denominam “americanos”. Afinal, as moedas do país trazem os dizeres “E pluribus unum” (Entre muitos, um), e esse é um ideal levado a sério pelos americanos.

“Em muitos outros países, a identidade nacional tem tudo a ver com a origem dos seus pais ou com o pedaço de terra em particular onde você foi criado”, disse o senador pelo Texas Kay Bailey Hutchison em discurso recente. “Ser um americano de verdade tem mais a ver com as suas crenças do que com a sua origem. Quando imigrantes conquistam a cidadania, eles recebem os mesmos direitos e liberdades conferidos a cada americano. Não importa se os seus pais não eram americanos. Não importa o fato de não poderem traçar a linhagem da sua família para encontrar um antepassado cujo sangue foi derramado na Guerra da Independência. O principal para ser americano é compartilhar certas crenças fundamentais, como o valor da autogovernança e do direito à liberdade de expressão e de processar a fé que escolher.” ■



(AP/WWP)

O estande coreano-americano do festival "Meet the World" (Conheça o Mundo) em Anchorage, Alasca, no qual se falam 93 idiomas

O que dizem os imigrantes sobre os EUA

"Nos Estados Unidos todo mundo é diferente e todo mundo é bem-vindo." Paul Pickman, cineasta de documentários em Belarus, agora proprietário do Kaskad, jornal de língua russa em Baltimore, *The Baltimore Sun*.

"Quando alguém vem para cá, seu único pensamento é ganhar dinheiro e ter sucesso. Não há preocupação com a sociedade. Só após vários anos é que se começa a pensar nessas coisas." Ernesto Diaz, diretor de logística da Balducci, uma cadeia de alimentos de alta qualidade em Maryland, *The Washington Post*.

"Damos ênfase à identidade muçulmano-americana de que pátria é onde meus netos vão ser educados, não onde meu avô está enterrado." Salam Al-Marayati, diretor executivo do Conselho Muçulmano de Assuntos Públicos, Sacramento Bee.

"Nossas crianças têm aqui a oportunidade de uma boa educação e de conseguir um bom emprego." Suzana Hotaj, imigrante albanesa que trabalha no Wal-Mart, *The Kansas City Star*.

"Um dos meus sonhos americanos é ser dono de um negócio administrado por imigrantes unidos pelo mesmo objetivo." Silverio Moog, imigrante filipino e um dos 50 co-proprietários de uma cooperativa formada por trabalhadores sobreviventes do Windows on the World, o restaurante no topo do World Trade Center, *The New York Times*.

"Há muitos empregos perto de nossas casas, boas escolas e muitas oportunidades para abrir uma empresa, estudar e aprender inglês." Rahima Poljarevic, imigrante bósnia, *The Kansas City Star*.

"Quando você chega aqui como imigrante, está tentando a sorte, e iniciar um negócio tem tudo a ver com isso." Michel Zajour, presidente da Câmara Hispânica de Comércio da Virgínia, *The Washington Post*.

Reflexão de pensadores americanos sobre valores

Maya Angelou: “Agora é hora de os pais ensinarem aos jovens sobre a beleza e a força da diversidade.”

Emily Dickinson: “Sorte não é mera casualidade, é labuta; o sorriso caro da fortuna é merecido.”

Peter Drucker: “A melhor forma de prever o futuro é criá-lo.”

W.E.B. DuBois: “Agora é a hora de aceitar, não depois, não em alguma outra época mais conveniente. Hoje é o dia de fazermos nosso melhor trabalho e não algum dia depois ou em algum ano no futuro.”

Amelia Earhart: “A decisão de agir é a mais difícil, o resto é mera tenacidade. Os medos são tigres de papel. Tudo que você decidir fazer pode ser feito. Você pode agir para mudar e controlar sua vida; e o procedimento, o processo, é sua própria recompensa.”

Albert Einstein: “O importante é não parar de questionar.”

Ralph Waldo Emerson: “Há uma hora na vida de cada homem em que ele chega à conclusão de que inveja é ignorância; que imitação é suicídio; que ele deve assumir o seu quinhão, para o bem ou para o mal; que, embora o vasto universo esteja povoado pelo bem, nenhuma semente de milho nutritivo poderá lhe advir senão por meio da dura labuta no lote de terra que lhe foi dado para cultivar.”

Benjamin Franklin: “Energia e persistência conquistam todas as coisas.”

Bill Gates: “Com o sucesso me veio uma grande fortuna. E com uma grande fortuna veio a grande responsabilidade de dar um retorno à sociedade, trabalhar para que esses recursos sejam aplicados da melhor forma possível a fim de ajudar os necessitados.”

Langston Hughes: “Nunca desista dos seus sonhos, porque, se eles morrerem, a vida será como um pássaro de asas quebradas, incapaz de voar. Descobri na vida que há meios para se chegar a qualquer lugar aonde se queira ir, se assim o quisermos.”

Garrison Keillor: “Em minha opinião, a coisa menos americana que se pode dizer é: 'Você não pode dizer isso'.”

Edward R. Murrow: “Para sermos persuasivos, precisamos que acreditem em nós; para que acreditem em nós, precisamos ter credibilidade; para termos credibilidade, precisamos ser verdadeiros. Isso é tudo.”

Mark Twain: “Toda pessoa que tem uma idéia nova é vista como excêntrica até que a idéia dê certo.”

Oprah Winfrey: “Cerque-se somente de pessoas que levantem seu astral.”

Recursos na internet

Sites selecionados sobre os Estados Unidos

Recursos gerais

Almanaque Mundial da CIA: Estados Unidos

<http://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/us.html>

Fonte oficial de informações sobre a geografia, o povo, o governo, a economia, as comunicações, o transporte e a defesa dos Estados Unidos.

Biblioteca do Congresso

<http://www.loc.gov/>

Esse site da “maior biblioteca do mundo” oferece acesso on-line a 8 milhões de itens. Além disso, por meio de seus catálogos on-line, guias de pesquisa e outros instrumentos de pesquisa, o site fornece informações sobre boa parte de livros, gravações, fotografias, mapas e manuscritos contidos nas coleções da biblioteca. Links para vários recursos úteis estão descritos com mais detalhes nos verbetes abaixo.

Celebração das liberdades americanas

<http://www1.va.gov/opa/feature/celebrate/>

Esse site do Departamento de Assuntos dos Veteranos de Guerra dos EUA contém “histórias sobre alguns dos costumes e dos símbolos nacionais americanos mais queridos”. Os tópicos incluem Juramento de Fidelidade à Bandeira, protocolo das bandeiras, águia de cabeça branca, salvas de tiros e outros temas patrióticos. Útil para planejar atividades ou pesquisar feriados como o Quatro de Julho, o Dia da Bandeira, o Dia em Memória às Vítimas de Guerra e o Dia dos Veteranos.

Departamento de Estado dos EUA: Programas de Informações Internacionais

<http://usinfo.state.gov/>

Elaborado pelo Escritório do Departamento de Estado que “coordena, elabora e distribui materiais sobre diplomacia pública em apoio aos objetivos da política externa americana”, esse site de pesquisa incluiu publicações, artigos atuais (Washington File) e outros recursos organizados por ordem geográfica e temática. Os tópicos incluem segurança internacional, comércio e economia, questões globais, democracia, direitos humanos, história, geografia e população, vida e cultura. Grande parte do material foi traduzida para francês, espanhol, russo, árabe, persa e chinês.

Informações sobre os EUA (infoUSA)

<http://usinfo.state.gov/usa/infousa/>

Preparado pela equipe do Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA, esse recurso é voltado para o público estrangeiro que procura informações sobre a sociedade, os processos políticos, as políticas oficiais e a cultura dos Estados Unidos. As seções incluem: Informes sobre os EUA, Economia e Comércio, Mídia, Educação, Artes e Cultura, Governo e Política, Leis e Tratados, Sociedade e Valores, Ciência e Tecnologia e Geografia e Viagens.

Instituto Smithsonian

<http://www.si.edu/>

Muitas vezes chamado de “sótão da nação”, o Smithsonian é formado por vários museus de história, ciência e tecnologia, além de galerias de arte, do Zoológico Nacional, de várias instalações de pesquisa e de bibliotecas e programas de alcance social. O site tem links para museus, exposições, eventos, pesquisa e informações relativas à filiação. Guias para os visitantes estão disponíveis em vários idiomas, incluindo inglês, alemão, espanhol, francês, italiano, português, russo, chinês, japonês e árabe.

Publicações dos Programas de Informações Internacionais

<http://usinfo.state.gov/products/pubs/>

O Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA tem um importante programa de publicações impressas e on-line. Os títulos do site variam da série “About America” (“Sobre os Estados Unidos”, cujo título mais recente é Edward R. Murrow: Journalism at Its Best) à abrangente série “Outline” (“Panorama”, Panorama da História dos EUA, Panorama do Sistema Judiciário dos EUA, etc.) e são uma fonte da maior importância para estudantes estrangeiros do ensino médio e superior que desejam aprender mais sobre os Estados Unidos.

Revista eJournalUSA

<http://usinfo.state.gov/journals/journals.htm>

Link direto para as edições atuais e anteriores das revistas eletrônicas publicadas pelo Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA. As revistas abordam temas relacionados com economia e comércio, segurança internacional, questões globais, democracia, direitos humanos e sociedade e valores dos EUA.

Geografia

Atlas Nacional dos Estados Unidos

<http://nationalatlas.gov/>

Por meio desse site do Departamento do Interior dos EUA é possível criar mapas personalizados que mostram vários aspectos físicos. Várias estatísticas sobre população, agricultura, clima, meio ambiente, geologia e outras informações geográficas também podem ser pesquisadas.

City-Data.com

<http://www.city-data.com/>

Concentrando-se especificamente nas cidades americanas, esse site inclui perfis, fotos, mapas, estatísticas, dados geográficos e outros recursos. Também apresenta Listas dos Cem Mais das cidades: renda mais alta, menor taxa de criminalidade, casas mais novas, maior população feminina, percursos mais curtos, moradores mais cultos e assim por diante.

Columbia Gazetteer of North America

<http://www.bartleby.com/69/>

Essa enciclopédia da Bartleby.com contém cerca de 50 mil verbetes de lugares geográficos e aspectos físicos de Estados Unidos, Canadá, México e Caribe. Os verbetes curtos contêm informações factuais como população, longitude e latitude e fatos históricos a partir da edição 2000 desse dicionário geográfico.

Geografia dos 50 estados

http://www.netstate.com/state_geography.htm

Clique em qualquer estado para obter informações detalhadas, incluindo dados geográficos básicos, símbolos, moradores famosos, músicas, história, governo, jornais, além de um quadro de mensagens e uma relação completa de links.

Os 50 estados

<http://www.50states.com/>

Fornece informações detalhadas sobre cada estado americano. *Inclui mapas dos estados e das capitais e também informações sobre bandeiras, símbolos, população, códigos de área, códigos postais, principais cidades e vários outros dados.*

Serviço Geológico dos EUA (USGS)

<http://geography.usgs.gov/>

“Os geógrafos do USGS monitoram e analisam mudanças do solo, estudam conexões entre as populações e a terra e oferecem à sociedade informações científicas importantes para embasar as decisões públicas.” O site oferece recursos geográficos da agência americana de mapeamento em cooperação com mais de 2 mil organizações de todo o país, fornecendo informações científicas para gerentes e planejadores de recursos.

Serviço Nacional de Meteorologia

<http://www.nws.noaa.gov/>

Órgão da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica, o Serviço Nacional de Meteorologia oferece previsões, mapas, dicas de viagem e outras informações sobre o clima dos Estados Unidos.

Government and politics

As 50 maiores conquistas do governo

<http://www.brook.edu/GS/CPS/50ge/50greatest.htm>

O Centro de Serviços Públicos do Instituto Brookings, que estuda o trabalho do governo dos EUA há anos, compilou essa relação das maiores conquistas até o início do século 21.

Biblioteca do Congresso: guia jurídico on-line

<http://www.loc.gov/law/guide/us.html>

Compilado pela Biblioteca Jurídica do Congresso dos EUA e disponível on-line, trata-se de “um guia comentado dos recursos de informação sobre o governo e as leis”. Links selecionados para sites confiáveis de informações jurídicas cobrem a Constituição e também a legislação dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário do governo federal e dos estados.

Constituição dos Estados Unidos

<http://www.gpoaccess.gov/constitution/>

“A Constituição dos Estados Unidos inclui as leis fundamentais do governo federal americano. Também descreve os três principais poderes do governo federal e suas competências. Além disso, apresenta os direitos básicos dos cidadãos americanos.” Essa base de dados do Serviço de Pesquisa do Congresso oferece acesso a edições e suplementos, textos, análises e interpretações desde 1992.

Diretório do Congresso

<http://www.gpoaccess.gov/cdirectory/index.html>

Esse diretório oficial apresenta biografias resumidas de cada membro do Senado e da Câmara, além de dados adicionais, como membros e equipes das comissões. Também inclui autoridades de outros departamentos e agências federais, governadores, diplomatas estrangeiros e membros da imprensa. O diretório está disponível on-line desde o 104º Congresso.

FirstGov.gov

<http://www.firstgov.gov/>

“Via de acesso oficial americana para todas as informações do governo”, esse site da Administração de Serviços Gerais contém “poderoso mecanismo de busca. Uma coleção cada vez maior de links temáticos e voltados para o consumidor conecta o visitante a milhões de páginas da web – dos governos federal, locais e tribais a nações de todo o mundo”. Disponível também em espanhol.

Governos estaduais e locais na internet

<http://www.statelocalgov.net/index.cfm>

Por meio de menus suspensos, esse diretório on-line de governos estaduais e locais oferece recursos de pesquisa e navegação e “fácil acesso em um único lugar a sites de milhares de órgãos estaduais e governos municipais e de condados”.

GPO Access

<http://www.gpoaccess.gov/>

De publicações de órgãos governamentais à Compilação Semanal dos Documentos Presidenciais, esse portal do Escritório de Imprensa do Governo (GPO) dos EUA oferece acesso a informações oficiais dos três poderes do governo federal.

Manual do Governo dos EUA

<http://www.gpoaccess.gov/gmanual/index.html>

Informações detalhadas sobre os “órgãos dos Poderes Legislativo, Judiciário e Executivo” e também informações sobre “órgãos quase-oficiais, organizações internacionais das quais os Estados Unidos participam e conselhos, comissões e comitês” estão disponíveis no manual oficial do governo federal. É possível pesquisar e navegar nesse manual, que conta com edições on-line disponíveis a partir de 1995.

Para entender os tribunais federais

<http://www.uscourts.gov/understand02/>

“Essa publicação foi elaborada pelo Escritório Administrativo dos Tribunais dos Estados Unidos para oferecer uma introdução ao sistema judiciário federal, sua organização e sua relação com os Poderes Legislativo e Executivo do governo.”

Politics Navigator

http://www.nytimes.com/ref/politics/POLI_NAVI.html

“Guia de sites sobre política” do New York Times, esse site oferece uma relação de links para partidos políticos, pesquisas de opinião, dados governamentais, questões políticas, mídia, comentários e outras informações.

Presidentes americanos

<http://www.americanpresident.org/>

Esse site do Centro Miller de Diplomacia Pública da Universidade de Virgínia oferece duas perspectivas sobre a Presidência americana: a Presidência na história e a Presidência em ação.

Principais documentos da democracia americana

<http://www.gpoaccess.gov/coredocs.html>

Com documentos fundamentais agrupados por áreas, tais como legislativa, presidencial, jurídica, regulatória, demográfica, econômica, além de categorias diversas, essa coleção on-line contém “os documentos básicos do governo federal que definem nossa sociedade democrática”,

selecionados e autenticados pelo Escritório de Imprensa do Governo dos EUA.

Recursos de Ciência Política

<http://www.lib.umich.edu/govdocs/psusp.html>

Esses recursos abrangentes do governo americano, provenientes do Centro de Documentos da Biblioteca da Universidade de Michigan, estão divididos por tipo: sites, blogues, charges políticas, etc.; e tópicos: eleições, governo federal, grupos de lobby, propaganda política e muito mais.

Stateline.org: política e notícias sobre políticas, estado por estado

<http://www.stateline.org/>

Projetado originalmente para jornalistas e financiado pelo Fundo Filantrópico Pew, esse site oferece “dicas oportunas e material de pesquisa sobre inovações e tendências de políticas nos estados”. Os tópicos incluem questões de âmbito estadual, como assistência médica, políticas tributárias e orçamentárias, meio ambiente e bem-estar social. O relatório anual do Stateline.org sobre tendências e políticas dos estados, “State of the States 2006”, pode ser solicitado gratuitamente.

Suprema Corte dos Estados Unidos

<http://www.supremecourt.us.gov>

O site oficial da Suprema Corte contém informações detalhadas sobre a história e os trabalhos da Corte. Estão acessíveis argumentações orais, regras, guias, decisões e pareceres, além de um guia para o visitante e outras informações públicas.

THOMAS: informações legislativas na internet

<http://thomas.loc.gov/>

Informações gratuitas sobre o Congresso estão disponíveis nessa base de dados desde 1995. Os materiais incluem as íntegras de projetos de lei, leis e resoluções; processos e propostas de legislação; os registros oficiais do Congresso; cronogramas; calendários; informações sobre as comissões; nomeações presidenciais; tratados; e outros recursos do governo. Alguns materiais mais antigos, anteriores a 1973, também foram incluídos na base de dados.

História

AMDOCS: documentos para o estudo da história americana

<http://www.vlib.us/amdocs/>

Elaborado por um professor da Universidade do Kansas, essa relação cronológica oferece links para cerca de 400 documentos selecionados especificamente para auxiliar estudantes de história americana do ensino médio e superior.

Assuntos de história: Curso de Pesquisa sobre os EUA na Web

<http://historymatters.gmu.edu/>

“Projetado para professores do ensino médio e superior e estudantes de cursos de pesquisa sobre história dos EUA, esse site funciona como uma via de acesso para recursos da web e oferece materiais únicos de ensino, documentos primários em primeira pessoa e guias para analisar evidências históricas. Esses materiais envolvem os alunos de maneira ativa na análise e na interpretação de dados.” Criado pelo Projeto de História Social Americana da Universidade da Cidade de Nova York e do Centro de História e Novas Mídias da Universidade George Mason, esse site contém recursos como um guia comentado para “os sites mais úteis para o ensino de história dos EUA e estudos sociais”.

Biografia dos Estados Unidos

<http://www.learner.org/biographyofamerica/>

Essa série de telecurso e vídeos apresenta a história americana como uma narrativa viva. Dividido em 26 partes, o site oferece “recurso interativo relacionado com o tema ou o período de tempo do programa, uma relação dos principais eventos do período, um mapa relativo ao período, a transcrição do programa de vídeo e uma ‘webografia’ — conjunto de links comentados”.

Documentos históricos dos Estados Unidos

<http://www.archives.gov/historical-docs/>

“Os Arquivos Nacionais preservam os registros do governo federal e oferecem acesso a esse material.” Esse site contém uma amostra desses registros, desde marcos célebres a alguns documentos pouco conhecidos. Também oferece links à página da Administração dos Arquivos e Registros Nacionais, documentos adicionais, exposições on-line, dicas e ferramentas de pesquisa e outros recursos.

Documentos sobre o Sul americano

<http://docsouth.unc.edu/>

Patrocinada pela Biblioteca da Universidade da Carolina do Norte em Chapel Hill, essa coleção “oferece acesso a textos, imagens e arquivos de áudio relacionados com a história, a literatura e a cultura sulistas. Atualmente o site DocSouth inclui nove coleções temáticas de livros, diários, cartazes, artefatos, cartas, entrevistas de história oral e músicas”. O site pode ser pesquisado por autor, título, tema e área geográfica.

História — América do Norte

http://www.libraries.rutgers.edu/rul/rr_gateway/research_guides/history_us/history_us.shtml

Esse guia abrangente de recursos de história é compilado por bibliógrafos das Bibliotecas da Universidade Rutgers. São fornecidos links para recursos da internet, índices e bases de dados on-line, bibliografias, microfimes da história americana, catálogos de outras bibliotecas e outros serviços. O acesso a várias bases de dados é “restrito à Rutgers”.

Memória americana: coleções históricas para a Biblioteca Nacional Digital

<http://memory.loc.gov/ammem/>

“A página Memória Americana oferece acesso gratuito e aberto na internet a materiais escritos e orais, gravações sonoras, imagens estáticas e em movimento, impressos, mapas e partituras que documentam a experiência americana.” Retirados das coleções da Biblioteca do Congresso e de outras instituições, esses materiais “registram eventos históricos, pessoas, lugares e idéias que continuam a moldar os Estados Unidos”. Veja, por exemplo, “American Memory Timeline” na Learning Page e o recurso “Today in History”.

Panorama da História dos EUA

<http://usinfo.state.gov/products/pubs/histryotln/index.htm>

Visão cronológica de como os Estados Unidos foram formados. Publicada pelo Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado, essa edição fartamente ilustrada foi completamente revisada e atualizada pelo professor Alonzo L. Hamby em novembro de 2005.

Projeto Avalon da Faculdade de Direito de Yale: documentos sobre direito, história e governo

<http://www.yale.edu/lawweb/avalon/avalon.htm>

“O objetivo do Projeto Avalon é fornecer acesso via web a materiais de fontes primárias nas áreas de direito, história, economia, política, diplomacia e governo.” Links externos e internos foram acrescentados para facilitar a compreensão dos itens e a navegação pelo site. A base de dados, que pode ser pesquisada por autor e título ou por tema e evento, contém mais de 3.500 documentos na íntegra, mais diretamente relacionados com a história americana.

População e estatística

Bibliografia sobre diversidade

http://poynter.org/content/content_view.asp?id=1187&sid=5

Oferecida pelo Instituto Poynter, organização sem fins lucrativos “destinada a ensinar e inspirar jornalistas e líderes da mídia”, essa bibliografia, atualizada no início de 2005, tem links para recursos on-line, inclusive organizações e relatórios, e contém uma relação de livros sobre diversidade e mídia.

Escritório de Referência Populacional (PRB)

<http://www.prb.org>

A meta do Escritório de Referência Populacional é fornecer informações sobre as tendências das populações americana e mundial e suas implicações. Publicações úteis incluem os trimestrais Population Bulletin, Population Handbook, Reports on America e a nova série The American People. Com recursos de pesquisa e navegação, o site tem um glossário e planilhas e também está disponível em espanhol e francês.

Escritório do Censo dos EUA

<http://www.census.gov/>

Principal fonte de dados demográficos americanos, esse site inclui estatísticas sobre população, habitação, empresas e atividade industrial, comércio internacional, agricultura e governos estaduais e locais. Entre alguns de seus recursos interessantes estão o Pop Clock, que dá números sobre a população a cada minuto; serviços multimídia; o Facts for Features, voltado para temas específicos, e o American FactFinder. O Escritório do Censo também é uma fonte de mapas e outros materiais cartográficos.

Fatos sobre estados e condados

<http://quickfacts.census.gov/qfd/>

Nesse site, o Escritório do Censo oferece “acesso rápido e fácil a fatos sobre pessoas, empresas e geografia” em níveis nacional, estadual e local. Pode ser pesquisado por região geográfica.

História étnica e multicultural

<http://memory.loc.gov/learn/start/inres/ushist/ethnic/html>

A página Learning Page, da Biblioteca do Congresso, oferece links comentados para quase 40 recursos que mostram a história da diversidade étnica nos Estados Unidos.

Legados locais: celebração das raízes comunitárias

<http://www.loc.gov/folklife/roots/>

Esse site do Centro Folclórico da Biblioteca do Congresso contém fotografias, relatórios escritos, gravações de som e vídeo, clippings de jornais, cartazes e outros materiais que documentam quase 1.300 projetos de legados locais de todo o país. Essas coleções mostram “as artes criativas, ofícios e costumes que representam a vida comunitária tradicional; eventos comemorativos como festivais e paradas; a maneira como as comunidades observam os eventos históricos locais e nacionais; e as ocupações que definem a vida comunitária.”

População e diversidade

http://usinfo.state.gov/scv/history_geography_and_population/population_and_diversity.html

Artigos atuais, links para organizações, órgãos governamentais, relatórios, estatísticas e outros materiais são apresentados nesse site da equipe da *Sociedade e Valores* do Escritório de Programas de Informações Internacionais do Departamento de Estado dos EUA. Páginas detalhadas focam os afro-americanos, os índios americanos, os hispano-americanos, os ázio-americanos e as mulheres.

Projeto Pluralismo

<http://www.pluralism.org/>

O Projeto Pluralismo: Religiões Mundiais nos Estados Unidos é um projeto de pesquisa de uma década, “para estimular alunos a estudar a nova diversidade religiosa nos Estados Unidos”, com ênfase especial “às tradições comunitárias e religiosas da Ásia e do Oriente Médio”. Os materiais no site incluem artigos acadêmicos e relatórios de

pesquisa, publicações e uma base de dados com recursos de pesquisa, com novidades sobre diversidade religiosa. “Recursos por Tradição” inclui diretórios e perfis de centros religiosos, notícias, links e estatísticas, cobrindo tradições religiosas desde as afro-caribenhas ao zoroastrismo.

Resumos estatísticos

<http://www.census.gov/statab/www/>

O Livro de Dados Nacionais do Escritório do Censo dos EUA contém uma coleção completa de estatísticas sobre condições sociais e econômicas dos Estados Unidos, bem como dados internacionais selecionados. Também fornece um guia de fontes de outros dados do Escritório do Censo, outros órgãos federais e organizações privadas.

StateMaster.com

<http://www.statemaster.com/index.php>

Fazendo uso de estatísticas compiladas de várias fontes primárias, como o Escritório do Censo dos EUA, o FBI e o Centro Nacional de Estatísticas da Educação, o StateMaster as combina em um formato gráfico amigável e voltado para estudantes, professores e bibliotecários. Essa base de dados possibilita a pesquisa e a comparação de enorme quantidade de dados sobre os estados americanos.

Viagens

Departamento de Estado dos EUA: Escritório de Assuntos Consulares

http://travel.state.gov/visa/temp/temp_1305.html

Esse site do Departamento de Estado oferece informações a pessoas em visita temporária aos Estados Unidos. Inclui detalhes sobre vistos.

DiscoverOurTown.com

<http://www.discoverourtown.com/>

Nesse site são fornecidas relações e links para informações turísticas de cidades selecionadas de todo o país. As informações relacionadas incluem atrações, museus, alojamento, alimentação, compras de produtos típicos e recreação. Para acessar essas informações, clique em um mapa ou selecione um estado.

MapQuest

<http://www.mapquest.com/>

O MapQuest é um entre vários serviços on-line que ajudam a encontrar mapas e endereços de lugares de todo o país. Além de indicações ponto a ponto, mapas e milhagem, esse atlas interativo contém informações para o planejamento de viagens, como dados sobre as cidades, hotéis, restaurantes, atrações e meteorologia.

NewsDirectory: planejamento de viagens

<http://www.newsdirectory.com/travel.php?c=na&co=USA>

Esse site oferece acesso a centros de convenções e de informações a visitantes nos 50 estados e no Distrito de

Colúmbia. Links para aeroportos, hotéis, locação de carros e companhias aéreas também podem ser acessados.

Notícias da Voz da América (VOA): para visitar os EUA

<http://www.voanews.com/english/travelusa.cfm/>

O completo recurso de planejamento de viagem da VOA conduz o turista passo a passo pelo processo de visitar os Estados Unidos, começando com o planejamento da viagem, o que esperar ao chegar e informações sobre parques, recreação e rotas pitorescas. Um menu suspenso ou um mapa dos 50 estados leva ao centro oficial do visitante de cada estado.

Rand McNally

<http://www.randmcnally.com/>

Uma interface amigável conduz a mapas gratuitos e planejamento de rotas com indicações detalhadas de viagens de carro para EUA e Canadá. Links para relações de hotéis e atividades em áreas próximas também estão disponíveis. O registro gratuito permite salvar planos de viagem e endereços, mas para outros recursos do site é preciso pagar assinatura ou consultar as referências dos atlas impressos da Rand.

Recreation.gov

<http://www.recreation.gov/>

Esse site tem links para informações sobre milhares de áreas de recreação federais ou filiadas. Os verbetes incluem informações de contatos e sobre o tempo, endereços, links e atividades recreativas disponíveis (caminhadas, pesca, passeios de barco, atividades culturais, camping). O site pode ser pesquisado e navegado por palavra-chave, nome de site, estado e atividade. Ao localizar uma área de recreação, é possível visualizá-la e personalizar um mapa da área.

Revista Arizona Highways

<http://www.arizonahighways.com/>

Publicada pelo Departamento de Transportes do Arizona, a versão on-line dessa revista de 80 anos contém recursos exclusivos, além de artigos sobre eventos, viagens, caminhadas e plantas e animais nativos. A seção de fotografia apresenta tours virtuais e ensaios fotográficos com imagens coloridas tiradas por “muitos dos melhores fotógrafos americanos”. Links e mapas também estão disponíveis. Esse é apenas um exemplo dos sites fornecidos pelos 50 estados para auxiliar os turistas.

Roadside Peek

<http://www.roadsidepeek.com/>

Esse site com recursos de pesquisa oferece tours fotográficos da arquitetura de beira de estrada de meados do século 20, apresentando estilos como Tiki, Roadside Vernacular e Neon. Os pontos de referência da Rota 66 estão incluídos em uma seção especial. São apresentados cafés e restaurantes, drive-ins, boliches, hotéis, sinalizações e automóveis, além de links e notícias atualizadas diariamente.

See America

<http://www.seeamerica.org/>

Desenvolvido pela Associação da Indústria do Turismo (TIA), em parceria com outras organizações do setor turístico, esse portal on-line inclui “mais de 10 mil links para hotéis, linhas aéreas, atrações, centros de convenções e de informações a visitantes, escritórios de turismo estaduais” e outros recursos. Disponível em espanhol, alemão, português e japonês.

Serviço Nacional de Parques

<http://www.nps.gov/>

Esse site governamental contém links para todos os parques nacionais e pode ser pesquisado por tópico (sítios históricos, gêiseres, montanhas, etc.) ou por local geográfico nos Estados Unidos. Também são apresentados recursos naturais, históricos e culturais dos parques.

Viagens de carro nos EUA

<http://www.roadtripusa.com/>

“Siga números de rotas ou nomes para acessar passeios de carro ao longo de mais de 48 mil quilômetros de asfalto. Descrições vívidas quilômetro por quilômetro celebram peculiaridades *kitsch*, história local e refeições típicas americanas distribuídas em mapas que podem ser clicados.” Além das 11 rotas descritas pelo autor Jamie Jensen, o site inclui um blogue, um almanaque do piloto, que explora um lugar diferente a cada mês, concurso e links.

Vias secundárias dos EUA

<http://www.byways.org/>

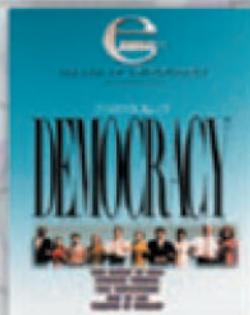
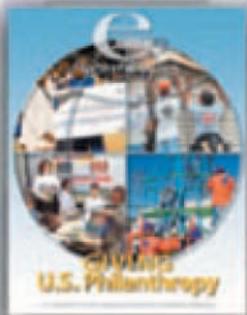
O Programa Nacional de Vias Secundárias Pitorescas, do Departamento de Transportes dos EUA e da Administração Federal de Rodovias, foi criado “para ajudar a reconhecer, preservar e intensificar” cerca de 1.500 projetos nacionais e estaduais de vias secundárias. O site oferece idéias de viagem, planejamentos de viagens, informações turísticas e links.

O Departamento de Estado dos EUA não assume responsabilidade pelo conteúdo e disponibilidade dos recursos de outros órgãos e organizações relacionados acima. Todos os links da internet estavam ativos em junho de 2006.



REVISTA MENSAL SOBRE OS EUA EM VÁRIOS IDIOMAS

Cinco edições temáticas:
Perspectivas Econômicas
Agenda de Política Externa
Questões Globais
Questões de Democracia
Sociedade e Valores



VEJA A RELAÇÃO COMPLETA DOS TÍTULOS EM
<http://usinfo.state.gov/pub/ejournalusa.html>